

2

AS AVENTURAS DE UM NAVEGANTE EM EXÍLIO PÉRPETUO

Uma breve Biografia de Joaquim Barradas de Carvalho

“Sinto-me exilado no meu próprio país.”

Egas Moniz. Conforme Joaquim Barradas de Carvalho em *O obscurantismo salazarista*.

A história de vida de Joaquim Barradas de Carvalho foi profundamente influenciada pelos rumos que a política portuguesa tomou durante seu tempo de vida, e isso não apenas no que se refere aos aspectos materiais. Como esse capítulo tem a função principal de apresentar ao leitor os aspectos mais importantes da trajetória deste personagem, destacando suas experiências durante o exílio brasileiro, achei que seria interessante começarmos essa parte do trabalho com uma rápida exposição da história política da ditadura salazarista e da oposição ao Estado Novo português no Brasil.

O regime salazarista tem sua origem vinculada às crises políticas vividas pela república liberal que havia substituído a monarquia desde de 1910. Em 28 de maio de 1926 um levante militar pôs fim à agitação política e social da chamada Primeira República, inaugurando um longo período de autoritarismo em solo português. Já nos primeiros momentos do novo regime um professor de Ciências Econômicas da Universidade de Coimbra, Antonio de Oliveira Salazar, passou a integrar o governo como ministro de finanças. Ele – que havia nascido na aldeia do Vimieiro, do conselho de Santa Comba Dão e, embora tivesse freqüentado o seminário, acabou por ser formar na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra – já havia, nessa época, se tornado um dos principais ideólogos e representantes do grupo de conservadores católicos insatisfeitos com o anticlericalismo da República de 1910. Esse grupo tinha como principais instrumentos políticos o Centro Acadêmico da Democracia Cristã (CADC) – do qual Salazar participava ativamente, tendo desempenhado um importante papel na organização das Juventudes Católicas – e algumas personalidades da mais alta hierarquia da igreja lusitana – na qual Salazar possuía importantes contatos.

Sua primeira participação no governo, no entanto, durou muito pouco. Foi apenas a partir de 1928, quando foi pela segunda vez convidado a assumir o ministério das finanças, que o poder de Salazar dentro do próprio regime militar começou a ganhar as proporções que o levariam a se tornar a figura que foi para a política lusitana por tantos anos. Para aceitar novamente o cargo, o professor de Coimbra havia feito tantas exigências, que, aceitas, permitiram que ele erigisse uma espécie de “ditadura financeira”, que seria a primeira base para a hegemonia política que conquistaria em pouco tempo. Para efetivamente consolidar o Estado Novo Português, que seria institucionalizado pela Constituição de 1933, Salazar contou forte apoio da igreja católica – principalmente a partir da figura do Cardeal Cerejeira, que havia sido efetivado como patriarca de Lisboa em 1930 e era seu amigo pessoal.

Salazar soube estabelecer uma ditadura personalista, que, entretanto, conseguia mascarar-se, com certo sucesso, sob uma fachada democrática¹². O regime conseguiu sobreviver também à Segunda Guerra Mundial graças à política de neutralidade habilmente orquestrada por Salazar, que nos últimos momentos passou a colaborar com os Aliados, valendo-se das tradicionais relações entre Portugal e Inglaterra para garantir seu lugar no mundo bipolar.

É evidente que Salazar enfrentou sempre forte oposição de vários setores da sociedade portuguesa, que se organizaram perigosamente principalmente após 1945. Com a opinião pública portuguesa a exercer pressão sobre si, Salazar anunciou uma “abertura democrática”, com uma revisão dos instrumentos políticos da Constituição de 1933. As diferenças implantadas, no entanto, ainda não permitiam o pleno exercício da democracia e a figura de Salazar continuou exercendo o mesmo domínio de sempre sobre a política portuguesa.

¹² Embora oficialmente o regime instituído pela Constituição de 1933 fosse parlamentarista, com o presidente eleito por sufrágio universal direto por sete anos e o poder legislativo representado pela Assembleia Nacional, várias restrições inviabilizavam o pleno funcionamento da democracia. O presidente possuía apenas as funções de chefe de Estado, sendo as de chefe de governo atribuídas ao presidente do Conselho de Ministros (cargo que foi ocupado por Salazar até 1968), que podia também ocupar simultaneamente um ou vários ministérios (prerrogativa da qual Salazar várias vezes se utilizou). Por outro lado a Assembleia Nacional funcionava apenas três meses por ano, sendo nos demais períodos o poder legislativo exercido pelo presidente do Conselho de Ministro a partir de decretos-leis que não necessitavam de aprovação posterior. Além disso, o regime partidário era de partido único (a União Nacional), os candidatos a qualquer cargo deviam ser previamente aprovados pelo Conselho de Estado e não haviam formas de controle público sobre o processo eleitoral.

Do ponto de vista da política formal, Salazar enfrentou apenas dois grandes desafios durante seu longo governo, ambos representados por candidaturas à presidência de figuras que congregaram o diversificado universo da oposição: a de Norton de Matos (que não chegou a concorrer ao cargo, renunciando à candidatura com denúncias que levantavam suspeitas sobre o processo eleitoral) e a de Humberto Delgado, em 1958, sobre a qual tratarei com mais atenção mais tarde.

O caráter personalista do Regime fica evidente quando se toma em conta a duração da ditadura, que após mais de 40 anos de estabilidade enquanto o líder esteve vivo, sobreviveu apenas por menos do que quatro anos após a sua morte. Salazar faleceu em julho de 1970, embora já estivesse afastado do poder desde 1968 – sua capacidade mental havia ficado afetada após cair de uma cadeira em um acidente. Desde setembro desse ano até a derrocada final da ditadura a presidência do conselho de Ministros foi ocupada por Marcelo Caetano. Semelhante a Salazar, Caetano era oriundo do ensino universitário português (havia sido professor de Direito da Universidade de Lisboa). Era um dos principais intelectuais do Estado Novo e exercera importantes cargos no Regime. Embora afastado do governo desde 1958 (na época da campanha do general Humberto Delgado), ainda era um nome bastante respeitado entre os grupos políticos que haviam mantido Salazar no poder por mais de quatro décadas.

A chegada de Caetano ao poder e sua débil tentativa de renovação política – que o próprio chamava de “Renovação na Continuidade” – chegaram a alimentar ilusões de alguns setores oposicionistas que esperavam da “Primavera Marcelista” uma transição tranqüila para a democracia. Mas o projeto reformista proposto por Caetano acabou não conseguindo agradar nem aos opositores do Regime, que logo perceberam a timidez de suas propostas, nem aos *ultras*, grupo mais radical do salazarismo que não admitia mudanças. Ainda que tenha acabado por prevalecer o conservadorismo, Caetano acabou isolando-se politicamente e, sem o carisma do antigo líder, não pode resistir aos levantes militares que deram fim à ditadura em 1974.

É importante notarmos que o Salazarismo esteve sempre ligado à defesa das possessões coloniais portuguesas. A prova disso é que o movimento militar que gerou o seu fim está intimamente vinculado à Guerra Colonial. A política

colonialista era garantida pelo Ato Colonial de 1930, que seria revogado em 1951 para ser, com algumas mudanças, integrado ao texto constitucional. Esta mudança era necessária graças ao reordenamento que a questão colonial sofria no pós-guerra. Por um lado a ONU fazia pressão no sentido de garantir o princípio da soberania dos povos, por outro o processo de descolonização já estava em pleno vapor.

As mudanças propostas pelo salazarismo, neste sentido, eram também bastante superficiais. Embora, do ponto de vista terminológico, as colônias passassem a ser consideradas “províncias ultramarinas”, na prática a supremacia portuguesa na vida política e econômica dos povos africanos ainda era garantida. Para justificar a manutenção do império colonial português, diante da opinião pública internacional e da ONU, o salazarismo passou a se apropriar do discurso do luso-tropicalismo de Gilberto Freire: a idéia de que o Império colonial português era uma democrática comunidade multirracial unida por uma cultura de matriz lusitana solidificada, entre outras coisas, num idioma comum.

Na África, após o fim da II Grande Guerra, ganhavam forças os grupos nacionalistas, inspirados em movimentos de descolonização semelhantes que estouravam ao redor do mundo. A guerra colonial atingiu seu auge durante o governo de Caetano, quando o regime passou a sofrer duras críticas da sociedade portuguesa em virtude dos grandes gastos militares e da violência dos conflitos decorrentes da tentativa de manutenção do Império. Paralelamente crescia a oposição entre os militares mais jovens, insatisfeitos com a desmoralização do exército (que era responsabilizado pelo fracasso da guerra colonial) e com a desprofissionalização promovida pelo governo no seio da corporação (que passou a promover oficiais da reserva que houvessem servido nas guerras coloniais ao quadro da ativa sem a necessidade do curso de formação de oficiais da Academia Militar). A insatisfação culminou em um golpe de estado, que no dia 25 de Abril destituiu Marcelo Caetano e restabeleceu a democracia portuguesa. Era o fim da longa ditadura salazarista.¹³

¹³ Na confecção desse breve apanhado da história do Salazarismo foram consultados as seguintes obras: Luis Reis Torgal. “O Estado Novo. Salazarismo, Facismo e Europa.” In: José Tengarrinha (org.). *História de Portugal*. EDUSC. Bauru, 2001. e Maria Luiza Paschkes. *A ditadura salazarista*. Brasiliense. São Paulo, 1985.

Durante essas mais de quatro décadas o Regime encontrou uma oposição extremamente diversificada. Grupos com as mais variadas ideologias procuravam afastar Salazar do poder e alterar a estrutura que dominou a política portuguesa durante esse longo período. As estratégias de combate também variavam muito, indo desde a oposição eleitoral formal (como nos já citados casos de Norton de Matos e Humberto Delgado), até a luta armada. A repressão era sempre violenta. Nesse cenário, muitos opositores do Regime se viram forçados a buscar o exílio, e o Brasil foi um dos destinos mais procurados com esse fim.

Além dos exilados, o Brasil sempre foi muito procurado pelos imigrantes portugueses de uma maneira geral. Em finais do século XIX chegou a receber 93% do fluxo migratório lusitano. Após um período de declínio durante a Era Vargas – em virtude da sua política anti-imigratória –, na década de cinquenta ocorreria uma retomada do fluxo, incentivado pelo “Tatado de Amizade e Consulta”¹⁴, assinado em 1953 entre os governos dos dois países. Entre 1900 e 1967 o Brasil recebeu 54% do total de emigrantes portugueses, seguido da França, com 16,4%, e, em terceiro lugar, dos EUA com 10,9%.¹⁵ A maior parte desses imigrantes deixavam seu país para fugir da miséria que assolava principalmente as áreas rurais de Portugal.

Portanto o Brasil concentrava o maior número de “portugueses fora de Portugal” do mundo. Aqui os exilados políticos encontravam, além da facilidade da língua em comum, a oportunidade de prosseguirem sua campanha de oposição ao salazarismo junto a uma comunidade que, além de grande, possuía fortes vínculos bilaterais – afetivos e, até mesmo, materiais – com a Terra Natal. Talvez esse tenha sido o motivo que trouxe para cá tantos opositores à ditadura portuguesa.

Mas muito antes da ascensão de Salazar, exilados portugueses, especialmente republicanos perseguidos pela Monarquia, já procuravam o Brasil como Refúgio.

Mais por sua condição de textos da época do que pelas análises que apresentam foram consultadas as seguintes obras: ARAGÃO, Augusto et al. *43 Anos de Fascismo em Portugal*. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1969. e COELHO, José Dias. *A Resistência em Portugal*. Inova. Porto, s/d.

¹⁴ Onde “cada uma das partes contratantes concordava em conceder aos nacionais da outra, tratamento especial, que os equiparasse em tudo aos respectivos nacionais” Ubirajara Bernini Ramos. “*Portugal Democrático*”: um jornal da resistência ao salazarismo publicado no Brasil. Dissertação de Mestrado/PUC-SP. São Paulo. 2004.

¹⁵ A fonte de todos os dados desse parágrafo é Ubirajara Ramos. *Idem*.

“Em São Paulo, os republicanos congregavam-se, desde a última década do século XIX, após o fracasso da Revolução de 1891, em torno de Ricardo Severo (casado com uma irmã do grande inventor Santos Dumont), figura ligada ao surgimento do Centro Republicano Português, em 1908.”¹⁶

O Centro Republicano Português de São Paulo sempre aglutinou um grande número de oposicionistas portugueses. Fundado dois anos antes da implantação da República, não deixou de funcionar depois de 1910 e, embora tenha interrompido suas atividades em 1944, foi reaberto em 1958. Essa oposição republicana, anti-monarquista a princípio, e que voltou-se contra o Regime Militar e o Salazarismo depois de 1926, manteve-se constante e não se dissolveu mesmo na década de 30, quando Vargas impôs-lhe muitas dificuldades. No imediato pós-guerra esses oposicionistas ganharam um certo espaço, impulsionados pela expectativa que a derrota do Eixo significasse o declínio de outros regimes de inspiração fascista – a exemplo do que aconteceu no próprio Brasil. No entanto a conjuntura internacional da Guerra Fria garantiu a sobrevivência política de Salazar. O regime português, autoritário e anticomunista, passou a ser visto como um mal necessário pelo Bloco Capitalista. No entanto, o grupo de republicanos portugueses de São Paulo sobreviveu a essa frustração, sem perder sua capacidade de organização mesmo durante os anos em que o Centro Republicano esteve fechado. Com a chegada dos anos 50 essa oposição intensificou-se bastante, acompanhando o aumento do fluxo migratório dessa década que trazia para o Brasil uma grande leva de anti-salazaristas.

No final da década de 50 e no início da seguinte chegaram ao Brasil dois nomes que influenciariam muito e passariam a polarizar a oposição salazarista no Brasil:

O primeiro foi o do general Humberto Delgado, que terminada a turbulenta campanha eleitoral de 58 teve que deixar Portugal ameaçado pela ditadura. Obteve asilo concedido pelo embaixador brasileiro em Lisboa, Álvaro Lins, e aqui chegou em abril de 1959, instalando-se no Rio de Janeiro. Seguindo o exemplo dos oposicionistas mais antigos no Brasil, Delgado procurou articular diferentes correntes políticas na luta contra o Salazarismo. Afastou-se, porém, da tradicional oposição republicana quando passou a defender uma “ação direta”: “...uma vez que ele pretendia formar uma oposição militarizada, pronta para o

¹⁶ Idem

combate frontal contra o regime do Estado Novo português, enquanto a oposição portuguesa privilegiava o combate ideológico.”¹⁷

Em 1961 Delgado, em coerência com a postura que vinha defendendo, envolveu-se no ataque ao Quartel da Beja, entre a última noite de 1961 e o primeiro dia de 1962¹⁸. A operação fracassou e o general acabou nem podendo participar, pois só conseguiu chegar à Beja poucas horas após o ataque fracassar. Ao regressar para o Brasil enfrentou problemas com as autoridades brasileiras por ter quebrado o estatuto de asilado ao entrar clandestinamente em Portugal. Deixou o Brasil definitivamente em 1963 e, após um breve período na Europa, instalou-se na Argélia – sendo lá recebido com honras de chefe de Estado pelo presidente Bem Bella. Mesmo fora do Brasil continuou exercendo grande influência nos grupos anti-salazaristas aqui sediados. Após essa malsucedida ação, Delgado passou a assumir uma posição ainda mais anti-colonialista e propensa a ação unitária. Apesar das dissidências com a tradicional oposição democrática em virtude das suas “aventuras militaristas”, acabava mais próximo desses grupos que o capitão Henrique Galvão, figura que disputava com ele a liderança da oposição no Brasil.

O capitão Henrique Galvão era um ex-colaborador do regime salazarista que rompera com o Estado Novo e fora condenado a 16 anos de prisão. Estava internado em um hospital quando fugiu e solicitou asilo na embaixada argentina. Em janeiro de 1961 liderou a operação Dulcinéia – que consistia no seqüestro do navio Santa Maria –, ação coordenada por dois grupos antifacistas: a União dos Combatentes Espanhóis (formada por exilados que combatiam a ditadura franquista) e o Movimento Nacional Independente (grupo português ligado ao general Humberto Delgado). O plano consistia em usar o navio – que na ocasião do ataque havia sido fretado para realizar uma excursão turística pelas águas do Caribe – para a ocupação da ilha espanhola de Fernando Pó, de onde se partiria para Luanda, iniciando um levante internacional contra as ditaduras ibéricas. A ação foi frustrada depois que o governo português procurou a ajuda da OTAN e

¹⁷ Idem.

¹⁸ Barradas também participou dessa operação segundo Carlos Guilherme Mota. “Joaquim Barradas de Carvalho.” *In: Estudos avançados*. set./dz. 1994, vol.8, no.22, p.289-295. e Luis de Albuquerque. “Lembrança de Barradas de Carvalho” *In: CARVALHO, Joaquim Barradas de. Esmeraldo de Situ Orbis de Duarte Pacheco Pereira (Edição Crítica)*. Fundação Calouste Gulbenkian/Serviço de Educação. Lisboa, 1991.

aviões e embarcações norte-americanas passaram a acompanhar o navio seqüestrado. O navio dirigiu-se para o litoral brasileiro onde Henrique Galvão entrou em negociação com a marinha dos EUA para que os passageiros do navio (muitos deles americanos) fossem libertados– o que era uma possibilidade porque Kennedy, contrariando Salazar, considerava o seqüestro um protesto político e não um ato de pirataria. O desembarque de passageiros só ocorreu, no entanto, depois que se encerrou o mandato do presidente Juscelino Kubtschek, que devido a sua amizade com Salazar se manifestava desfavorável aos revolucionários. O navio aguardou a passagem do governo para Jânio Quadros em 1 de Fevereiro, e um dia depois o desembarque de tripulantes, passageiros e revolucionários em Recife foi permitido, sendo concedido asilo político aos últimos em troca da entrega do navio seqüestrado – que havia sido rebatizado como “Santa Liberdade”.

O líder da operação Dulcinéia passou depois disso a viver em São Paulo e a participar ativamente das manifestações anti-salazaristas. Ainda em 1961, participou do planejamento de outro seqüestro: dessa vez a um avião da TAP que derramou sobre a capital portuguesa milhares de exemplares de um manifesto de autoria da Frente Antitotalitária dos Portugueses Livres no Exílio (FAPLE), na qual o capitão atuava.

No Brasil, a oposição de Henrique Galvão tinha um caráter mais conservador, que o distanciou ao mesmo tempo de Delgado e do grupo ligado ao Centro Republicano Português – acusando-os freqüentemente de colaborarem com o comunismo (o que não era uma inverdade absoluta, visto a importância que o PCP tinha na organização anti-salazarista no Brasil). Outro ponto de atrito com esses grupos foi sua defesa da manutenção do império colonial português em uma época que a oposição portuguesa se tornava cada vez mais simpática aos movimentos nacionalistas africanos.

Evidentemente a oposição portuguesa não era totalmente norteada pela disputa entre Henrique Galvão e Humberto Delgado, havendo muitos grupos que mantinham total independência em relação a ambos, a exemplo do próprio Centro Republicano Português. A importância desses personagens se situa principalmente no fato de conseguirem dar uma maior visibilidade à luta contra o Estado Novo não só na imprensa brasileira, como na internacional. Além disso ambos

permaneceram referências importantes até que morressem: Humberto Delgado vítima de uma armadilha, assassinado pelos agentes da PIDE, quando, mais uma vez, tentava entrar clandestinamente em Portugal em 1965; e Galvão, em 1971, por motivos de doença, no Brasil.

Outro aspecto da oposição ao salazarismo no Brasil que é importante ressaltar são as relações dos militantes anti-salazaristas com a esquerda brasileira. Havia uma certa proximidade entre esses dois grupos, principalmente no início da década de 60.

“Os efeitos da situação política interna no Brasil, a renúncia de Jânio Quadros e o governo de João Goulart, no início dos anos 60, exerceram, também, influência sobre a ação do movimento antissalazarista que aqui atuava. Na prática, ocorreu uma aproximação entre os opositoristas reunidos no Centro Republicano Português e no *Portugal Democrático* com setores da esquerda brasileira, como o PCB, PSB e o PTB, fato comprovado em documentos do DEOPS.”¹⁹

Após o golpe de 64 esse tipo de relação se tornou mais difícil, e a maior parte dos opositores ao salazarismo optou por evitar críticas ao Regime Militar brasileiro com a justificativa de que o mais importante era a luta pela democracia em Portugal – que só poderia prosseguir no Brasil se mantivessem distância da política nacional. De fato, essa estratégia permitiu a sobrevivência da oposição portuguesa sob os olhos relativamente indiferentes dos militares. De uma maneira geral a Ditadura brasileira, que apesar de manter boas relações com o Estado Novo português discordava de sua política colonialista, não ofereceu muitos problemas para os militantes portugueses e, embora houvessem algumas exceções a essa regra²⁰, eles conseguiram manter sua luta até a derradeira derrocada do Salazarismo em 1974.

¹⁹ Ubirajara Ramos. Idem.

²⁰ Alguns integrantes da oposição portuguesa chegaram a ter problemas, mas apenas na medida em que se envolviam (ou em que a Ditadura Brasileira considerava que eles estivessem envolvidos) na política brasileira. Foi esse o caso de Barradas, por exemplo, conforme veremos adiante. Além disso parece havia uma troca de informações sobre militantes de oposição exilados entre as polícias políticas brasileira e portuguesa.

Segundo José Jobson de Andrade Arruda. *Entrevista concedida a Guido Fabiano Pinheiro Queiroz*. São Paulo, 15 Dez, 2007. não houve essa troca de relatórios polícias no caso de Barradas: “Eu tive acesso a uma documentação que me foi passada pelo filho do Barradas, Aarões de Carvalho, que atualmente é um deputado em Portugal (já foi ministro). E a documentação que ele localizou [está] nos arquivos portugueses, na Torre do Tombo, mas era uma documentação da PIDE, uma documentação [que agora está] disponível. E essa documentação fala, por exemplo, de algumas preocupações que a PIDE tinha com o desenvolvimento das atividades do Barradas aqui no Brasil. Há uma comunicação entre a PIDE portuguesa e o DOPS, o nosso DOPS no Brasil. E como a documentação daqui foi aberta, eu também pedi a amigos aqui – a um amigo que foi

No entanto a admiração mútua entre a esquerda brasileira e os exilados anti-salazaristas não cessou após o golpe. Ainda que portugueses de esquerda evitassem militar contra o Regime, suas relações pessoais na maioria das vezes denunciavam suas simpatias e, muitos deles permitiam-se, ocasionalmente, fazer uma crítica velada aos rumos da política brasileira.

Mas não termina ainda minha análise sobre o anti-salazarismo brasileiro, afinal, neste trabalho, nos interessa sobretudo aqueles que além de exilados políticos eram também intelectuais atuantes (professores universitários, artistas, jornalistas...) – grupo ao qual Barradas se integrará a partir de 1964. O primeiro nome de destaque desse grupo é o do comandante João Sarmento Pimentel, que aqui chegou na década de 20. Segundo Antonio Candido ele

“... foi uma espécie de decano da oposição portuguesa em São Paulo. (...) O comandante Pimentel dava assistência generosa aos compatriotas que escolhiam São Paulo como local de exílio e se impunha pela força e originalidade de sua pessoa.”²¹

Em torno desse nome se organizou um grupo de intelectuais anti-salazaristas entre os quais podemos citar Urbano Canuto Soares, Fernando Lemos, Vitor de Almeida Ramos, Adolfo Casais Monteiro, Fidelino Figueiredo, Carlos Maria de Araújo, Miguel Urbano Rodrigues, Jorge de Sena e Jaime Cortesão (que embora tenha se estabelecido no Rio manteve relações com os outros)²². Todos eles, em especial o próprio capitão Sarmento, tinham algum tipo de vínculo com o Centro Republicano Português. Dentre esses nomes, o que parece ter sido mais

responsável pelo Setor de Pesquisa do Arquivo Público do Estado de São Paulo, onde estava a documentação do DOPS, para fazer um rastreamento para ver o nome de Barradas. Para ver se batia. Ou seja, há uma manifestação da PIDE dizendo que Barradas e algumas outras pessoas entre elas, Vitor Ramos, etc, mereciam ser acompanhadas de perto. Então, na contramão, eu fiz uma pesquisa para ver se ele aparecia aqui. Ele não aparece. A não ser que [esteja] naquela documentação – é uma documentação muito ampla – em algum lugar que ainda não tenha sido detectada pelas pessoas que estão trabalhando na documentação do DOPS que está aqui. Ou seja, se fosse uma coisa explícita de que o Barradas realmente aqui tomou posicionamento contra o governo brasileiro isso certamente estaria registrado naquela documentação, que, aliás, tem coisas absolutamente secundárias. Por isso que eu acho que apesar da preocupação ter aparecido na PIDE lá e ter havido uma carta de lá para cá solicitando manifestações... Sobretudo, na verdade, uma investigação, uma pesquisa... Não tem registro [aqui]! (...). O que nós temos são, nos registros da PIDE lá [sobre] coisas que ele fez aqui. Mas era informante da PIDE Portuguesa aqui que informava para lá. Não era o nosso DOPS que alimentava a PIDE Portuguesa.”

²¹ Antonio Candido. “Portugueses no Brasil” *In: O Albatroz e o Chinês*. Ouro sobre Azul. Rio de Janeiro, 2004

²² Lista de nome elaborada a partir de Douglas Mansur da Silva. “Intelectuais Portugueses Exilados no Brasil (1926-1974): Aspectos Metodológicos de uma Pesquisa.” *In: Revista Estudos Avanzados Interactivos*. Santiago do Chile, v. 3, n. 5, p. 20 pp, 2004.e Antonio Candido. *Idem*.

próximo de Barradas foi Vitor Ramos²³, que também era membro do Partido Comunista Português e havia sido um dos principais responsáveis pela reabertura do Centro Republicano em 1958. Por esse motivo acho interessante acompanharmos as lembranças de Antonio Candido sobre esse personagem:

“No final de 1950 chegou Victor de Almeida Ramos, que vivia exilado em Paris, onde conheceu uma brasileira com a qual veio a se casar no ano de 1955 em São Paulo, onde ficou morando. Ajustou-se bem à vida cultural paulista, trabalhando a princípio na editora Difusão Européia do Livro (...). Em 1958 Victor se tornou professor de Línguas e Literatura Francesa na Faculdade então fundada de Assis (...). Depois do golpe de 1964 escapou de ser preso por um feliz acaso e, a seguir, integrou-se, na Universidade de São Paulo (na qual obtivera o doutorado e obteve depois a livre-docência), ao corpo docente da mesma disciplina regida em Assis. Por uma coincidência dolorosa, morreu logo depois da Revolução dos Cravos, em 1974, de um mal súbito que se manifestou quando falava comigo ao telefone a respeito de uma reunião política. Nele, impressionava a combinação pouco freqüente de convicções firmes desdobradas na militância incessante e na capacidade de organização, com a tolerância, a serenidade e a mais larga compreensão.”²⁴

No entanto, mesmo que seja possível supor que um dos motivos que trouxe esses intelectuais opositoristas ao Brasil fosse a possibilidade de atuação política junto à Colônia Portuguesa, é preciso reconhecer que eles ganharam mais importância nos meios culturais brasileiros do que entre seus patrícios²⁵.

²³ Me parece significativa a dedicatória de *O obscurantismo salazarista*. Idem: “À memória de AUGUSTO ARAGÃO e VITOR RAMOS queridos amigos e companheiros das boas e más horas” Augusto Aragão era mais um exilado português, grande amigo de Barradas, que, assim como Vitor Ramos, morreu no Brasil e não viveu o suficiente para retornar a Portugal após o fim da ditadura. Sobre Aragão encontramos as seguintes informações: “Nascido em Portugal na Província de Beira Alta em 1925. Militante nos movimentos estudantil e operário, foi preso pela PIDE, passando dois anos na prisão. Exilado no Brasil desde 1959 tem participado ativamente do combate ao fascismo português, sendo membro do conselho de redação do jornal *Portugal Democrático* e da comissão executiva da Unidade Democrática Portuguesa.” ARAGÃO, Augusto et al. *Idem*.

²⁴ *Idem*.

Sobre Vitor Ramos ver também o artigo de Maria Cecília de Moraes Pinto. “A missão de Vitor Ramos”. In: LEITE, Rui Moreira & LEMOS, Fernando. *A Missão Portuguesa: rotas entrecruzadas*. EDUSC. Bauru, 2003.

²⁵ Parece que a Colônia Portuguesa no Brasil tendia mais à colaboração do que à oposição a Salazar, conforme podemos ver no seguinte trecho de Ubirajara Ramos. *Idem*. “Os portugueses que viviam no Brasil, ou por busca de auxílio, ou pelo objetivo de preservarem os traços de sua identidade, formava associações de diversos tipos. *Essa comunidade mantinha uma relação de reverência em relação ao Estado Português*, não necessariamente determinada pelas simpatias políticas, mas pelo desejo de manutenção de um laço de vinculação com a terra natal e dependente do interesse demonstrado pelas autoridades para com a colônia.” Grifo meu. Esse mesmo autor, sobre as diferenças entre esse grupo de intelectuais opositoristas e o imigrante português típico: “Pode-se dizer que, em vista da constatação da ação intelectual de todos esses portugueses e de sua profícua interlocução com a cultura brasileira, o que sobressai é que havia uma parcela diferenciada de portugueses que viviam no Brasil, completamente opostos ao estereótipo do imigrante lusitano: trabalhador simples, de pouca cultura, conservador e, em geral, satisfeito com o regime salazarista.”

“... esses intelectuais constituem uma espécie de *missão portuguesa* de cunho virtual. Ao fazer esta indicação, estou pensando na *missão francesa*, na *missão italiana* e na tácita *missão alemã* que fundaram a partir de 1934 a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. (...)

Ora, os portugueses, que vieram quase todos por motivos políticos a partir de 1940 e até 1974, formam a meu ver uma não planejada *missão portuguesa*, que trouxe contribuições culturais positivas e renovadoras, devidas a homens de pensamento e sensibilidade que representam as nossas raízes históricas. Vieram individualmente, sem que tivesse havido projeto para os reunir. Mas o fato é que vieram, se ajustaram ao meio e enriqueceram dentro da mesma língua e da mesma tradição. Muitos se enquadraram nas universidades, outros não, de modo a podermos falar numa livre e tácita *missão* com significado peculiar.

(...) Todos eles formam um conjunto singular de contribuição cultural que permite falar, como sugeri, numa ideal *missão portuguesa*...”²⁶

Essa “Missão Portuguesa” teve, certamente, grande peso na formação da USP. Do grupo de opositores ao salazarismo citado anteriormente, três foram professores da USP: Urbano Canuto Soares, Fidelino Figueiredo e Victor Ramos, aos quais Antonio Candido acrescenta Rebelo Gonçalves, Joaquim de Carvalho, além, é claro, de Barradas de Carvalho.

Terminado, portanto, esse superficial apanhado da história do salazarismo e de seus opositores no Brasil, voltemos para o verdadeiro objeto deste capítulo e deste trabalho: a figura de Joaquim Barradas de Carvalho, que nasceu no dia 13 de junho de 1920 em Arroios, no Alentejo. Era o filho mais velho de Manuel Teles Barradas de Carvalho e de Lubélia Godinho Braga Barradas de Carvalho. Era de uma tradicional família alentejana e o pai, também escritor (autor de *Terra-campa*), era um ilustrado monarquista. Formou-se em História e Filosofia em 1946 pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa com uma tese sobre *As Idéias Políticas e Sociais de Alexandre Herculano*, a qual, seria revista e publicada pela primeira em 1949²⁷. Seus estudos e pesquisas prosseguem depois em Paris, onde, em 1961, doutorou-se em Estudos Ibéricos pela Faculdade de Letras e Ciências Humanas da Universidade de Paris, Sorbonne, defendendo tese sobre o *Esmeraldo de Situ Orbis* de Duarte Pacheco Pereira.

²⁶ Antonio Candido. *Idem*. Também, a esse respeito, é interessante a leitura do “Prefácio”, também de Antonio Candido, à obra: Rui Moreira Leite & Fernando Lemos. *A Missão Portuguesa: rotas entrecruzadas*. EDUSC. Bauru, 2003.

²⁷ *As idéias Políticas e Socais de Alexandre Herculano*. Seara Nova. Lisboa, 1971.

“Nesse período, convive intensamente com a escola historiográfica dos *Annales*, o principal grupo de historiadores europeus capitaneados por Lucien Febvre, Marc Bloch (morto na guerra pelos nazistas) e por Fernand Braudel, sucessor de Febvre e Bloch. Braudel dedicou a Barradas grande estima e a Portugal grande atenção por causa de Magalhães Godinho, Frédéric Mauro e Barradas. Joaquim Barradas foi um discípulo de Braudel (e de Febvre, fundador da História das Mentalidades na França, em memória de quem dedicou seu último livro) e soube combinar o que de melhor havia naquela escola de pensamento com o que de melhor se fazia em termos de pensamento marxista.”²⁸

Barradas foi discípulo de Vitorino Magalhães Godinho, a quem considerava “o maior historiador português contemporâneo, depois da morte de Jaime Cortesão, Duarte Leite e Veiga Simões”²⁹. Ele fora aluno de Godinho quando este dera aula na Faculdade de Letras de Lisboa, e após a sua saída da Universidade, chegou a organizar, junto com outros ex-alunos, um “curso privado” para continuar a ter aulas com o admirado professor. Esse episódio é narrado no seguinte depoimento que escreveu sobre o mestre:

“Ele [Godinho] tinha a audácia de preparar aulas, de aparecer perante os alunos com uma bibliografia actualizada, tinha a extrema audácia de fazer pesquisa científica, de publicar os resultados dessas pesquisas e, *crime máximo*, teve a idéia de criar centros de estudo ‘históricos e filosóficos’, onde em colaboração com os alunos procurava fazer pesquisa histórica ou filosófica. Aqui o escândalo foi tal que o conselho da Faculdade achou que esse professor deveria passar a ser vigiado nas suas aulas pelo catedrático de História, não fosse ele expor aos alunos matérias demoníacas... Não se submetendo a essa imposição policial, Vitorino de Magalhães Godinho abandonou o edifício carunchoso do Arco a Jesus [a Faculdade de Letras de Lisboa] deixando-o entregue ao seu sono secular. Foi então que um grupo dos seus alunos organizou um curso privado que funcionou durante dois anos na Sociedade de Geografia de Lisboa. Foram seus alunos, ainda no edifício do Arco a Jesus, e depois nestes cursos privados, meio clandestinos, alguns historiadores portugueses que orçam agora pelos 40-45 anos: Joel Serrão, José Gentil da Silva, Jorge de Macedo, Artur Gusmão, Maria Margarida Brandão, o próprio autor destas linhas e outros que mercê de outras aptidões, como Rui Grácio, ou mercê das contingências da vida e nalguns casos de fatos adversos, depois de publicarem trabalhos científicos de valor indiscutível, se desviaram para outras actividades, como Mário Soares, Fernando Piteira Santos e outros mais. Impossibilitado de viver em Portugal, Vitorino de Magalhães Godinho aceita, em 1947, uma bolsa de estudos das Relações Culturais do Ministério dos Negócios Estrangeiros da França e segue para Paris.”³⁰

Na França Godinho se tornou pesquisador do CNRS e acabou sendo um dos principais pontos de contato entre Barradas e a Escola dos *Annales*. O grupo

²⁸ Carlos Guilherme Mota. *Idem*.

²⁹ *O obscurantismo salazarista*. *Idem*. Esse mesmo trecho aparece repetido, de forma idêntica, diversas vezes em diferentes artigos do livro.

³⁰ *Idem*. (grifo do próprio autor)
artigo originalmente publicado em *Portugal Democrático*, nº 94, maio de 1965.

de alunos de Godinho citados acima nos dá idéia de quem compunha o círculo de relações acadêmicas de Barradas antes de deixar Portugal. Entre eles destacamos Mario Soares, pela importância que adquiriu posteriormente na política portuguesa³¹ e Joel Serrão, pela proximidade (talvez tenha sido, entre os citados, a

³¹ Mario Soares adquiriu especial importância no cenário político português ao se notabilizar como advogado encarregado do processo internacional movido pela família de Delgado contra o Estado Novo. Posteriormente à Revolução dos Cravos se tornou uma figura proeminente na política lusitana. Sobre sua trajetória nos informa artigo da *Wikipédia*:

“Licenciou-se em Ciências Histórico-Filosóficas na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em 1951, e em Direito, na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, em 1957. O pai, João Lopes Soares foi sacerdote, pedagogo e ministro na I República, tendo também combatido o regime salazarista. Fundador do Partido Socialista de Portugal, em 19 de Abril de 1973, Mário Soares foi um dos mais famosos resistentes ao Estado Novo, pelo que foi preso doze vezes, deportado em São Tomé até se exilar em França, onde desenvolveu trabalho em várias universidades.

A 28 de Abril de 1974, depois da Revolução de 25 de Abril, desembarcou em Lisboa, vindo do exílio em Paris no chamado ‘Comboio da Liberdade’. Foi recebido, entre uma multidão de portugueses. Dois dias depois, esteve presente na chegada a Lisboa de Álvaro Cunhal. Ainda que tivessem idéias políticas diferentes, subiram de braços dados, pela primeira e última vez, as ruas da Baixa Pombalina e a avenida da Liberdade.

Durante o período revolucionário que ficou conhecido como Processo Revolucionário em Curso (PREC) foi o principal líder civil do campo democrático, tendo conduzido o Partido Socialista à vitória nas eleições para a Assembléia Constituinte de 1975.

Foi ministro dos Negócios Estrangeiros de Maio de 1974 a Março de 1975.

Mário Soares foi um dos impulsionadores da independência das colónias portuguesas.

Em Março de 1977 iniciou o processo de adesão de Portugal à CEE e subscreveu, como primeiro-ministro, o Tratado de Adesão, em 12 de Julho de 1985.

Foi primeiro-ministro de Portugal nos seguintes períodos:

- I Governo Constitucional entre 1976 e 1977;
- II Governo Constitucional em 1978;
- IX Governo Constitucional entre 1983 e 1985.

Presidente da República entre 1986 e 1996 (1º mandato de 10 de Março de 1986 a 1991, 2º mandato de 13 de Janeiro de 1991 a 9 de Março de 1996).

- Deputado ao Parlamento Europeu entre 1999 e 2004. Foi candidato a presidente do parlamento, mas perdeu a eleição para Nicole Fontaine, a quem não teve problema em chamar "dona de casa" (no sentido pejorativo do termo).
- Fundador da Fundação Mário Soares - 1991.

Em 13 Dezembro de 1995 assume a Presidência da Comissão Mundial Independente Sobre os Oceanos; em Março de 1997 a Presidência da Fundação Portugal África e a Presidência do Movimento Europeu; em Setembro a Presidência do Comité Promotor do Contrato Mundial da Água. Como ex-presidente da república, é também Conselheiro de Estado.

Foi, em 2005, aos 80 anos, o segundo candidato - após Jerónimo de Sousa pelo PCP - a assumir a candidatura à Presidência da República (o que seria um inédito terceiro mandato) após algumas crispações no PS, principalmente com o seu amigo de longa data Manuel Alegre. Na eleição, a 22 de Fevereiro de 2006, obteve apenas o terceiro lugar, com 14% dos votos.

Em 2007 foi nomeado presidente da Comissão de Liberdade Religiosa.”

Verbete “Mario Soares” da *Wikipédia*, a *enciclopédia livre*. Disponível em:

<http://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%A1rio_Soares>: http://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%A1rio_Soares. Último acesso em: 29 jun. 2008.

Sua convivência com Barradas não se limitou ao período em que eram alunos de Godinho, e parece ter estendido-se pelo menos durante o período em que ambos estiveram exilados na França. Esse fato é confirmado por Marlene Suano. *Entrevista concedida a Guido Fabiano Pinheiro Queiroz*. São Paulo, 14 Dez, 2007., que afirma ter conhecido Mario Soares na casa de Barradas, durante o seu segundo exílio em Paris, após ter deixado o Brasil. Também Arnaldo Contier. *Entrevista concedida a Guido Fabiano Pinheiro Queiroz*. São Paulo, 15 Dez, 2007. faz referência a essa amizade.

mais intensa amizade). Além desses somam-se Luís de Albuquerque e José Manuel Tengarrinha³².

O principal campo de reflexão histórica de Barradas sempre foi a História das Idéias, ou, mais precisamente a História das Mentalidades. No entanto também se destacou por sua atuação política como militante do Partido Comunista Português e ferrenho opositor do regime salazarista. Oposição que o levou ao exílio após se envolver ao ataque ao quartel da Beja, primeiro na França, depois no Brasil. Sobre esse episódio Luís Albuquerque comenta:

“Não é segredo para ninguém que estive de tal modo envolvido na revolta de Beja que, uma vez ela fracassada, se viu obrigado a refugiar-se em França. No dia anterior a estes acontecimentos passei a manhã com ele na casa da Rua das Chagas, mas uma vez em abrasadoras discussões sobre o século XVI em Portugal. O Joaquim decerto sabia que eu não estava metido na história e, com toda a naturalidade, nem sequer falou de política. Tratou do *Esmeraldo*, dos regimentos, das viagens, e de tudo quanto podia ser matéria para os nossos interesses comuns, com a disponibilidade e o interesse habituais; não havia nele a mais pequena sombra de inquietação, e isto a menos de vinte e quatro horas de se arriscar com toda a generosidade de que era capaz.”³³

Mas não foi só isso que o levou a sair do país. A rigidez do Regime salazarista, com a rigorosa censura, a perseguição a oposição, a intervenção nas faculdades e todo o aparelho coercitivo que dificultava a vida intelectual lusitana já o sufocava, fazendo-se sentir-se, como na citação que faz de Egas Moniz que reproduzimos na epígrafe, um exilado no seu próprio país.

Um desses episódios de perseguição intelectual, de que ele próprio fora vítima, é descrito a seguir:

“Em 1961, por decreto saído no *Diário do Governo*, foi recriada (fora extinta anos atrás, maneira sumária e expeditiva de demitir professores universitários) a Faculdade de Letras da Universidade do Porto, sendo seus novos quadros, na qualidade de encarregados de curso, recrutados através de concurso documental. Uma comissão de professores nomeada pelo chamado Ministério de Educação Nacional foi encarregada de julgar os candidatos a partir de ‘curriculum vitae’ por estes fornecido. E assim foi na verdade. Apenas se deu um incidente estranho (melhor: em qualquer outro país que não no Portugal de Salazar), três ‘dossiers’

³² Sobre a relação de forte amizade com o último nos informou o professor Jobson Arruda, em conversa informal. Não tenho certeza, porém, se essa relação se construiu antes do exílio ou após a Revolução dos Cravos, com o retorno de Barradas a Portugal. Em relação ao primeiro ver Luis de Albuquerque. “Lembrança de Barradas de Carvalho” *Idem*.

³³ Luís de Albuquerque. *Idem*.

Carlos Guilherme Mota. *Idem*. também atribui o exílio de Barradas ao seu envolvimento no ataque ao quartel da Beja. Porém, não encontrei informações específicas sobre o papel que Barradas teria desempenhado nessa revolta.

desapareceram antes de chegar à comissão de professores – o meu, o do dr. Joel Serrão, (...) e o de um terceiro, um jovem filósofo católico, Bernard da Costa. Extravio dos nossos ‘dossiers’? Parece que não. Melhor: seguramente que não. Perante a ficha da P.I.D.E., o titular da pasta chamada da Educação Nacional resolveu pura e simplesmente ‘sonegar’ os nossos ‘dossiers’. Não afectos ao regime político vigente, era de boa política fazer-nos desaparecer, não fosse a comissão de professores por ele próprio nomeada ser honesta, objectiva – nunca se sabe – e reter nossas candidaturas.”³⁴

Em 1964 Barradas chegou em São Paulo, na condição de professor contratado pela USP. Barradas já havia visitado o Brasil com objetivos acadêmicos antes: em Agosto de 1959 ele havia participado “Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros”, realizado na Bahia, onde fizera os primeiros contatos com o meio acadêmico brasileiro. O primeiro convite para dar aula no Brasil, segundo José Jobson Arruda, partiu de “Eduardo d’Oliveira França, que o conhecera quando de sua estada em Coimbra”³⁵, que é confirmado pelo relato do professor Francisco Novais:

“...eu me lembro que, eu vi, nessa época, o artigo dele que foi publicado em uma Revista de História sobre os algarismo arábicos, “Sur l’introduction et la diffusion des chiffres arabes au Portugal”. O professor França comentou o trabalho do Barradas... Logo depois começou-se a falar na criação do curso, da cadeira de ‘História Ibérica’, e o professor França dizia que ele cogitava que se convidasse para vir para o Brasil, para São Paulo, para a Faculdade, o Barradas. Nós ficamos na expectativa.”³⁶

O professor França certamente contou com o apoio do então diretor do Departamento de História, Professor Eurípedes Simões de Paula, e com o intermédio de Vitor Ramos, grande amigo de Barradas, exilado há mais tempo no Brasil. Em carta de 5 de Novembro de 1963, Vitor comunica ao camarada:

“Aí vai a boa notícia: o seu contrato foi aprovado pelo Conselho Técnico-Administrativo da Faculdade de S. Paulo e Você receberá em breve (não sei exactamente quando, porque tudo aqui se passa de forma lenta) o convite oficial. O Prof. Eurípedes Simões de Paula, regozijando-se pela ‘boa aquisição que a Faculdade vai fazer, contratando-o’ autorizou-me a comunicar-lhe que as condições são as seguintes: vencimento de Professor Catedrático, já com o aumento de 60 por cento, que vigorará a partir de janeiro; tempo integral; contrato por dois anos (renovável), a partir de março de 1964 (início do próximo

³⁴ Joaquim Barradas de Carvalho. *Idem.* (grifo do próprio autor) artigo originalmente publicado em *Portugal Democrático*, nº 56, setembro de 1964.

³⁵ José Jobson de Andrade Arruda. “Joaquim Barradas de Carvalho: o itinerário de um missionário dos novos tempos (Lisboa, Paris, São Paulo).” *In*: LEITE, Rui Moreira & LEMOS, Fernando. *A Missão Portuguesa: rotas entrecruzadas*. EDUSC. Bauru, 2003.

³⁶ *Entrevista concedida a Guido Fabiano Pinheiro Queiroz*. São Paulo, 14 Dez, 2007. O artigo a que Fernando faz referência foi publicado na *Bulletin des Études Portugaises* em 1958.

ano letivo). (...) É curioso que, precisamente nessa ocasião, eu devo também assinar contrato com a Universidade de S. Paulo.”³⁷

Apesar das objeções de Braudel, que queria mantê-lo na França, Barradas fica radiante com a notícia, conforme podemos observar na sua resposta de 18 de Dezembro do mesmo ano:

“Fiquei muito satisfeito com o que me diz acerca do meu contrato para São Paulo (...). Antes das férias do verão passado vi o Prof. Braudel que se interessou pela minha vida presente e futura. Disse-lhe que pensava ir para o Brasil, para São Paulo, para lugar que me fora oferecido há dois anos pelo Prof. Oliveira França e que eu agora solicitara. O Braudel disse-me que não acreditava que o França me arranjasse qualquer coisa que valesse a pena, pois o França era um ‘sauteu’. (...) A conversa com o Braudel terminou, dizendo-me este: ‘vou metê-lo na *Recherche Scientifique* a partir de Outubro ou Novembro próximo, e se depois Você lá para Fevereiro receber o contrato fabuloso do Brasil, o que eu não acredito, você irá para São Paulo.’ (...) Ao fim e ao cabo o Braudel quis-me fazer sonhar com uma cadeira de História de Portugal, ou coisa parecida, aqui em Paris na futura *Faculté des Sciences Humaines*. (...) Mas com tudo isto sempre estivemos decididos a ir para São Paulo. Pelo menos, como diz o Braudel, por 2, 3 ou 4 anos. A existência dos meus Paes, com cerca de 70 anos, e dos meus dois filhos mais velhos que ficarão em Lisboa, me entristece um pouco. Mas sei que vou para o País onde devia ter nascido se não tem sido aquele erro de agulha que me fez nascer na Rua Aquiles Monteverde, à Estefânia... A sua vinda para a Faculdade de São Paulo conta muito mais do que você possa imaginar no meu entusiasmo paulista.”³⁸

A transcrição deste trecho da carta de Barradas cumpre um duplo objetivo: o primeiro é demonstrar o prestígio que Barradas possuía junto a Braudel e ao ensino universitário francês, e o segundo é expor o grande desejo de Barradas em vir ao Brasil, “o país onde devia ter nascido”, ao abandonar a Europa que lhe oferecia perspectivas profissionais que, tanto do ponto de vista financeiro quando do ponto de vista acadêmico, pareciam muito mais promissoras, para dar aula na América do Sul. É evidente que, apesar das excelentes condições que o contrato brasileiro lhe oferecia, ele não era “fabuloso”, conforme previa Braudel. E mais do que isso, ao tomar sua decisão, Barradas nem ao menos tinha muito certeza de

³⁷ Vitor Ramos. *Carta para Joaquim Barradas de Carvalho*. Assis, 5 Nov. 1963. Documento do Arquivo Pessoal de Vitor Ramos, sob a custódia do Centro de Apoio à Pesquisa em História (CAPH) da FFLCH-USP.

³⁸ Joaquim Barradas de Carvalho. *Carta para Vitor Ramos*. Paris, 18 Dez. 1963. Documento do Arquivo Pessoal de Vitor Ramos, sob a custódia do Centro de Apoio à Pesquisa em História (CAPH) da FFLCH-USP.

Os dois “filhos mais velhos” são do seu primeiro casamento e, de fato, permaneceram em Portugal. Os outros dois filhos, do seu segundo casamento com Margarida Barradas de Carvalho, o acompanharam durante sua estada no Brasil.

exatamente quanto o seu salário de professor seria, e quanto isso significava, pois na mesma carta ele pergunta a Vitor:

“Quantos cruzeiros são por mês o ordenado de Professor Catedrático, em tempo integral, e como os 60% que vigorarão a partir de janeiro? Que poder de compra existe com essa montanha de cruzeiros? Para eu ter uma idéia, diga-me talvez quanto custa aí um apartamento no gênero do nosso aqui em Paris, e quanto custa um kilo de carne para bifes.”³⁹

Se o leitor não quiser acreditar, como eu, que, de forma tão ingênua, Barradas realmente esperava a “montanha de cruzeiros” a que faz referência, ficará evidente que para ele a questão financeira estava em segundo plano. Deve-se ter em mente que essas perguntas não antecediam à sua decisão de vir para o Brasil e que, portanto, elas cumpriam apenas uma função informativa. Ainda que o aspecto financeiro fosse importante, não parecia determinante. O trecho citado é também bastante representativo da personalidade de Barradas, que, apesar de ter uma situação financeira bastante confortável, foi descrito como “um homem de hábitos simples”.⁴⁰ Aliás, para manter no Brasil seu estilo de vida, contou muitas vezes com a ajuda financeira de seu pai, um latifundiário e grande produtor de cortiça em Portugal⁴¹. Acredito, portanto, que na sua definição em vir para o Brasil, tenha contado muito mais a empolgação com aquilo que ele pretendia aprender e realizar aqui, especialmente com a possibilidade de, pela primeira vez em sua vida, dar aulas para o ensino universitário.⁴²

³⁹ Idem.

⁴⁰ conforme Maria Lúcia Perrone Passos. *Entrevista concedida a Guido Fabiano Pinheiro Queiroz*. São Paulo, 13 Dez, 2007: “Ele era muito simples, pessoalmente, ele era uma pessoa de hábitos simples. Vivia para os amigos, para os estudos, para a família...”

Também Arnaldo Daraya Contier. *Entrevista concedida a Guido Fabiano Pinheiro Queiroz*. São Paulo, 15 Dez, 2007: “Como ele tinha simpatia pelo marxismo (...), ele vivenciava isso também na prática: ele não tinha nenhuma ambição material. O Barradas tinha um terno só. Durante quatro anos conheci o Barradas com um único terno. Então era uma pessoa muito humilde. Ele praticava o socialismo na prática. E a família também. Eles viviam... não com dificuldades... [Mas certamente com um estilo de vida diferente do que poderiam ter.] Mas para eles também não era nada de fundamental [esse aspecto] material. O que era fundamental era o estudo, os livros, os contactos intelectuais, e assim por diante...”

⁴¹ Sobre a situação financeira de Barradas ver Fernando Antonio Novais. *Idem.*: “O Barradas recebia do pai uma mesada mensal. Então ele tinha boas condições financeiras. Ele ganhava como professor titular... O pai dele era um grande latifundiário do Alentejo (eu tive lá uma vez) e tinha um negócio da produção da cortiça...” e também Maria Lúcia Perrone Passos. *Idem.*: “Também não tinha problemas financeiros, porque, além do salário dele, de professor, ele vinha de uma família com recursos econômicos. Teve um pai admirável que viveu muito tempo, a quem ele era muito ligado, e esse pai lhe dava todo tipo de apoio a vida inteira: intelectual, incentivo e eventualmente financeiro se ele precisasse.”

⁴² Conforme contribuição de Dulce Helena Ramos à entrevista de Ana Maria de Almeida Camargo. São Paulo, 16 Jan, 2008.

Na condição de exilado, com passaporte francês e membro da Escola de Altos Estudos, a Universidade de São Paulo o recebe em 1964. Assim Barradas chegou aqui às vésperas do golpe. Hospedado provisoriamente na *Tudor House*, foi recebido por um editorial anticomunista do jornal *O Estado de São Paulo*, que “alertava” a sociedade para a concentração de comunistas portugueses na Universidade de São Paulo (referindo-se, sem dúvidas, ao próprio Barradas, assim como ao Vitor Ramos)⁴³. Barradas ficou muito assustado com esse fato, mas não tardou a ser tranquilizado pelo diretor do departamento de História da USP, o Prof. Eurípedes Simões de Paula, que lhe garantiu que a Universidade tinha autonomia em suas decisões, assim como de que o editorial não refletia as opiniões gerais da sociedade brasileira. Estava certo, sem maiores problemas logo Barradas começou a trabalhar, permanecendo com o seu cargo até 1969.

É novamente Carlos Guilherme Mota que nos informa sobre a rede de relações acadêmicas que Barradas vai tecer no Brasil:

“Após formar uma série de estudantes, dialogar com seus pares - Buarque, Cruz Costa, Caio Prado, seus grandes amigos Celso Cunha e Eurípedes Simões de Paula, Eduardo Portella, Florestan Fernandes, e com os mais novos, como o historiador Fernando Novais, um amigo profundo, Iglésias, Paulo Resende, Bóris Fausto e eu próprio, mais os então alunos Jobson Arruda, Arnaldo Contier, Raquel Glezer, Ana Maria Camargo e tantos outros, com seus amigos brasileiros de exílio, como o deputado cassado Fernando Perrone, ou o sociólogo heterodoxo Maurício Tragtemberg, os filósofos Bento Prado e Gianotti, os sociólogos Ianni e Fernando Henrique”⁴⁴

Barradas encontrou a universidade paulista em um momento de grande efervescência cultural, que de certa forma era reflexo de uma efervescência cultural que ocorria em âmbito mundial, ou, pelo menos, europeu, na década de 60. Embora o golpe militar já houvesse ocorrido, o aparelho repressivo do Regime ainda não tinha se consolidado totalmente – era ainda uma “ditadura envergonhada”, para usar a expressão de Elio Gaspari – e o ambiente universitário ainda gozava de relativa liberdade. Talvez, inclusive, a situação política brasileira contribuisse para essa ebulição cultural, na medida em que gerava um crescente debate político e mobilização do movimento estudantil⁴⁵.

⁴³ Segundo Boris Fausto *Entrevista concedida a Guido Fabiano Pinheiro Queiroz (por telefone)*. Rio de Janeiro / São Paulo, 9 Jan, 2008. esse editorial teria sido escrito por Santana Mota.

⁴⁴ Carlos Guilherme Mota. *Idem*.

⁴⁵ A respeito da política brasileira na época, inclusive sobre o movimento estudantil, o cenário universitário brasileiro, e até mesmo a “ebulição cultural” internacional ver Elio Gaspari. A

Ao mesmo tempo o Departamento de História da USP se encontrava em um importante momento de auto-construção e consolidação enquanto instituição de pesquisa e ensino superior. O leitor deve ter em mente que a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras era relativamente recente: havia sido criada em 1934. Para essa formação inicial tinha sido de vital importância a chamada “missão francesa”⁴⁶ – um grupo de professores e intelectuais convidado com esse objetivo que contava com nomes como Roger Bastide, Lévi-Strauss e Fernand Braudel. “Mas esses franceses, repetindo a lição de 1816, foram chamados para um ato fundador. No caso, formar intelectuais brasileiros. Posteriormente deveriam retirar-se. Seus discípulos brasileiros os substituiriam.”⁴⁷ No momento em que Barradas chegou ao Brasil o ensino de pós-graduação e a pesquisa avançavam muito em São Paulo:

“Sobre o comando dessa primeira geração de professores formados sob a égide da missão francesa, numerosos trabalhos de pesquisa foram realizados. Em História Antiga e Medieval, sob a liderança do Professor Eurípedes Simões de Paula. Em História Moderna, Ibérica e do Brasil Colonial pelo professor Eduardo D’Oliveira França. Em História do Brasil, pelo professor Sérgio Buarque de Holanda”⁴⁸

ditadura envergonhada. CIA das Letras. São Paulo, 2002. e *A ditadura escancarada*. CIA das Letras. São Paulo, 2002.

O momento de relativa abertura que viviam as universidades brasileiras e as discussões que ocorriam nesse cenário estão descritas nos depoimentos de Adalberto Marson. *Entrevista concedida a Guido Fabiano Pinheiro Queiroz*. Campinas, 13 Dez, 2007.; Kunio Suzuki. *Entrevista concedida a Guido Fabiano Pinheiro Queiroz*. São Paulo, 17 Jan, 2008.; Marlene Suano. *Entrevista concedida a Guido Fabiano Pinheiro Queiroz*. São Paulo, 14 Dez, 2007.; Regina Romano. *Entrevista concedida a Guido Fabiano Pinheiro Queiroz*. Jundiaí, 18 Dez, 2008.; e Raquel Glezer. *Entrevista concedida a Guido Fabiano Pinheiro Queiroz*. São Paulo, 16 Jan, 2008., que nos fornece o seguinte relato: “Havia um desconforto, pela questão do golpe, pelo sistema ditatorial que estava sendo implantado, mas eu acho que – eu só posso pensar na perspectiva de 68, 70! – era desagradável, mas não havia ameaça direta à Universidade, ao pensamento... Era desconfortável, os grupos políticos estavam mudando rapidamente de posições e de tendências. As tendências estavam se fragmentando e se articulando, mas era só desconfortável. Não era ameaçador como ficou posteriormente. Quer dizer, eu fiz um Curso de História e não havia pessoal de metralhadora no corredor. E quando eu comecei a dar aula aqui, havia pessoal de metralhadora no corredor, e as aulas eram gravadas e você tinha o sistema pesado de controle do que era lido, do que era discutido. Quando eu fiz a graduação era algo perfeitamente normal você poder ler aquilo tudo que você tivesse acesso. Não havia um sistema de censura. É fácil pensar em retrospecto, mas não havia um sistema de censura. Você podia ler...”

⁴⁶ Antonio Cândido. “Portugueses no Brasil”. *Idem.*, como pôde ser visto anteriormente, faz referência também à “missão italiana”, à “missão alemã”, e, sobretudo à “missão portuguesa” (na qual Barradas estaria inserido), que, nas décadas que se seguiram à partida dos franceses, teriam contribuído também na construção da estrutura universitária paulista.

⁴⁷ Maria Cecília de Moraes Pinto. *Idem.*

⁴⁸ José Jobson de Andrade Arruda & José Manuel Tengarrinha. *Historiografia Luso-Brasileira Contemporânea*. EDUSC. Bauru, 1999. O mesmo texto nos informa estatística elaborada por José Roberto do Amaral sobre a distribuição por área das teses de doutoramento defendidas no departamento de História da USP no período 1934/1973: Colônia – 43,5%, Império – 32, 6%, República – 15,2%, Colônia/Império – 6,5 %, Império/República – 2,2%.

Do ponto de vista dos referenciais teóricos, havia na historiografia brasileira da época, uma espécie de embate entre três (ou dois) grupos diferentes. Este cenário acadêmico que Barradas encontrou no Brasil é descrito por Falcon:

“Nos anos 60 a historiografia brasileira é um campo de forças distintas e desiguais do ponto de vista de sua presença e ações respectivas. Ao lado de uma historiografia de tipo tradicional, dominante, existem ilhas qualitativas em certos centros ou núcleos universitários voltados para as novas concepções historiográficas inspiradas genericamente nos ‘Annales’. De acordo quanto à produção e ensino de uma história moderna e científica, essas tendências divergem sempre que se trata de explicitar a natureza desse ‘moderno e científico’. Para uns, tratava-se de uma questão de métodos e fontes; para outros, era uma questão de teoria, isto é, da teoria marxista. À primeira tendência coube a tarefa de defender e difundir a ‘história quantitativa’, ao passo que a segunda tendia a relativizar o quantitativo em nome do qualitativo, apoiando-se em textos de historiadores marxistas franceses e britânicos.”⁴⁹

Acompanhando essa leitura, poderíamos dividir em três campos concorrentes a historiografia brasileira da época: a história “tradicional”, a dos “Annales” e a marxista. Barradas se inseria, simultaneamente, nas duas últimas correntes, conciliando o materialismo histórico com a historiografia francesa, e foi um importante divulgador de ambas perspectivas teóricas entre os seus alunos e colegas. Suas principais referências teóricas eram, antes de tudo, a primeira geração Escola dos Annales – Marc Bloch e, sobretudo, Lucien Febvre. Braudel, evidentemente, era outro referencial importante, assim como Frederic Mauro e Robert Ricard (que havia sido seu professor na Sorbonne). No campo marxista, além dos clássicos, Marx/Engels, suas principais bases eram Althusser e Lucien Goldmann⁵⁰.

Esses dados demonstram uma predominância da História Colonial, a qual o trabalho de Barradas estava, do ponto de vista temporal, ligado. Mas, evidentemente, não se deve acreditar que essa preferência deve-se diretamente a presença de Barradas que, no Brasil, não chegou a orientar uma pesquisa de doutorado.

⁴⁹ Francisco Falcon. “Revisitando alguns dos temas pesquisados por Barradas – reflexões sobre a história, teoria e metodologia.” No Prelo.

⁵⁰ Ver figura apresentada no **pagina 146**. Esse “Mapa de Referências Teóricas” não tem o objetivo (inatingível) de apresentar todas as influências teóricas na obra de Barradas, mas apenas elencar aquelas que me pareceram mais importantes.

O esquema em questão foi elaborado a partir da análise das entrevistas realizadas e das leituras de Falcon. *Idem.* e da “Introdução” de *Rumo de Portugal* *Idem.*, do próprio Barradas.

José Jobson de Andrade Arruda. *Entrevista...* *Idem.* atribui a importância de Goldmann para Barradas à influência de Fernando Novais: “[Quando eu o visitei após sua saída do Brasil] uma das coisas que ele disse era que uma das pessoas que ele mais apreciava no plano do relacionamento pessoal, sobretudo intelectual – porque era uma pessoa muito instigante, sobretudo uma pessoa que não aceitava facilmente os argumentos do Barradas (por que o Barradas às vezes tinha alguns argumentos que eram travados, ou seja, eles tinham uma certa mecânica interna) –, que lhe provocava muito para que explicitasse um pouco e dialetizasse um pouco essas explicações, era o

A forma como vinculava o marxismo e a escola dos Annales era criticada por muitos de seus colegas, mas esse assunto será mais detidamente tratado em um capítulo posterior.

Continuemos acompanhando o texto de Mota, agora no trecho em que descreve a atuação profissional e política do historiador lusitano:

“Aqui ensinara ele as vantagens da Escola de Paris, mas temperadas pelas preocupações intelectuais de um luso-brasileiro de olho na contemporaneidade. Foi um anfitrião inexcelável, *um português ao alcance de todos* (como costumava dizer), generoso, interessante e interessado: falava horas sobre Braudel, sobre o 5 de outubro, sobre o salazarismo, sobre outros portugueses ilustres no exílio, sobre o jornal *Portugal Democrático* que aqui era produzido (no qual colaborávamos todos e no qual encontrávamos a verdadeira crônica das *maravilhas* da presença portuguesa nas colônias). Em tempos difíceis lá e cá, sua casa no Butantã, junto à Cidade Universitária, era um refúgio de inteligência e boa acolhida portuguesa. Uma luz nas trevas. A cultura portuguesa que circulava por sua casa – intelectuais, artistas, professores – não era sombria tampouco, a começar pelo saudoso Vitor Ramos, ex-professor Titular de Literatura Francesa da USP, também exilado. Os exilados em São Paulo constituíam punhado de gente do mais alto nível humano e intelectual, que contrastava com o Portugal oficial e soturno dos jornais nacionais. Aos poucos, íamos conhecendo intelectuais e professores que por aqui passavam (Joel Serrão, Oscar Lopes, Urbano Tavares e muitíssimos outros que se sentavam à bem-posta mesa de sua mulher – Margarida –, também historiadora). Uma casa portuguesa democrática. Juntos, nela recebemos tantos outros amigos, como Frédéric Mauro, os saudosos Doyen Jacobin Jacques Godechot e o *montagnard* Alberto Soboul, historiadores notáveis e depois amigos queridos. Era a nossa *República do Butantã*.”⁵¹

Dentre os nomes citados por Carlos Guilherme Mota, os amigos mais próximos de Barradas eram ele mesmo e o professor Fernando Novais. Entre seus superiores, mantinha relações muito cordiais, embora não muito profundas, com o professor França, apesar dele ter sido o principal responsável por sua vinda ao Brasil. Nesse sentido era mais próximo do diretor do Departamento, o Professor Eurípedes Simões de Paula.

Dentro do Departamento havia dois professores que mantinham um bom relacionamento com Barradas mas cujas divergências historiográficas aparentemente esfriavam um pouco as relações. O primeiro deles era o professor Sérgio Buarque de Holanda:

Fernando Novais. E acho que um dos diálogos que foi mais rico para Barradas aqui foi o Fernando. Eu lembro bem de muitas ‘quizilas’ (era a palavra que Fernando usava) que ele propunha ao Barradas, que fizeram com que o Barradas se modificasse. Uma delas foi provocar Barradas com Goldmann. ‘Você precisa ler com atenção Goldmann!’ Depois você vai ver nas coisas posteriores do Barradas que o Goldmann começa a estar muito presente. Isso era uma prova que a instigação do Fernando tinha funcionado como uma espécie de cutelo ativador do Barradas.”

⁵¹ *Idem*.

“A posição do Professor Barradas de Carvalho sobre as questões da modernidade em Portugal eram questionadas no Curso de História, pelo Professor Sérgio Buarque de Holanda, que tinha uma idéia oposta. O Professor Sérgio Buarque de Holanda pensava a Colonização Portuguesa como uma colonização atrasada em relação à modernidade européia, e o Professor Barradas de Carvalho, numa outra perspectiva, pensava como uma sociedade em fase de modernização, não completamente moderna, mas em fase de modernização.”⁵²

No entanto, apesar dessa grande divergência, a relação entre os dois sempre esteve em bons termos, e a obra de Sérgio Buarque de Holanda influenciou Barradas profundamente, conforme poderemos ver adiante.

Emília Viotti da Costa foi outra pessoa cujas divergências teóricas levaram a um certo afastamento de Barradas. Nesse caso o afastamento se devia, antes de tudo, a concepção de história de Emília que contrastava radicalmente com o “método erudito” de Barradas:

“Um outro problema (...) é uma questão de concepção de história, que era a Emília Viotti da Costa (...). A Emília... Ela não discordava do Barradas, ela gostava do Barradas, mas ela achava que no Brasil a erudição não seria fundamental para o aluno. Porque ela achava que um país pobre, um país com uma série de problemas, a História tinha que ser ensinada muito mais no sentido das grandes sínteses (você pegar um século todo, dois séculos, desde o começo da História), enquanto o trabalho dele era um trabalho muito mais verticalizado em poucos séculos. (...) Mas também (...) não houve nenhuma polêmica... Acho que o Barradas nem ficou sabendo. Isso foi um comentário que talvez ela tenha feito *an passant* (...). Ele próprio, acho que ele até desconheceu isso. Acho que nem percebeu...”⁵³

Parece que o trabalho de Barradas, fortemente baseado na leitura de fontes dos séculos XV e XVI, era visto, muitas vezes, como uma erudição sem atualidade, ou ainda, sem pertinência para o tempo presente. Nada mais distante da realidade. Além dessa divergência houve, segundo Adalberto Marson, uma discussão entre os dois a respeito da Reforma Universitária, em 1968:

“Mas no grande debate que houve sobre a reforma universitária, várias vezes ele teve longas discussões em sala de aula com Emilia Viotti da Costa. Mas eu não consigo lembrar mais o teor dessas discussões, porque eram tantos assuntos envolvidos. De um modo geral, a coisa estava situada nesse ponto: Emilia teve uma trajetória e em 68 ela mergulhou de ponta cabeça nesse movimento de reforma e foi até depois o complicador da vida política dela. (...) Então em 68 o Barradas acho que tinha uma atitude mais cautelosa, mais conservadora, porque o movimento estava muito radical. Mas eu não sei precisar os termos, se eram concepções universitárias, concepções de ensino... Provavelmente era isso. Não eram questões políticas partidárias. Eram questões da Universidade Enfim tudo

⁵² Raquel Glezer. *Idem*.

⁵³ Arnaldo Daraya Contier. *Idem*.

eram questões políticas. Ele certamente seria mais conservador, mais assim, contrário a mudanças muito radicais que alterassem aqueles padrões da Universidade Francesa, que era o modelo da USP, você sabe disso. Mas não que ele fosse avesso, tanto que isso é um fenômeno interessante: Dois professores daquele peso, na frente dos alunos, em sala de aula, discutindo... Isso é uma coisa que eu nunca mais vi depois.”⁵⁴

No entanto, como pode ser visto nos próprios depoimentos citados, nunca houve um rompimento entre Barradas e Emília, de forma que nem ela, nem Sérgio Buarque poderiam ser classificados como seus adversários. Nas palavras de Fernando Novais era um homem “praticamente sem inimigos”⁵⁵. Praticamente! Dentro do Departamento esse papel seria exercido por Manuel Nunes Dias:

“Eu acho que o maior crítico do Barradas foi o Nunes, Manuel Nunes Dias – que era muito gozado, porque o menino mais novo do Barradas, o Miguel, que na época tinha sete ou oito anos, ouvia muito falar desse Nunes, Nunes Dias, Nunes Dias... Nós falávamos só ‘Nunes’, mas o Barradas falava ‘Nunes Dias’. E o menino começou a chamar o Barradas de ‘Nunes Noites’, em vez de Nunes Dias, ele chamava de ‘Nunes Noites’. E aquilo foi muito gozado, porque, dava idéia perfeita do peso que essa pessoa exercia. Ele [o Barradas] chega no Brasil, que era um meio liberal, e ele encontra, esse senhor, que era de extrema direita, violento, fisicamente sabe. Ele era uma pessoa violenta, desagradável e tal... E que se dava, inclusive, ao luxo de falar com sotaque português. Acho que ele era neto ou filho de portugueses. Manuel Nunes Dias. Ele era professor catedrático de História da América, e só era mantido nos limites porque na época o Professor Eurípides era muito forte. E o Professor Eurípides protegia o Barradas, mas mesmo assim o Nunes era um peso pro Barradas.”⁵⁶

Mas mesmo em relação a esse personagem o rompimento não era total. Surpreendentemente Barradas chegou a escrever o “Prefácio” de *O Descobrimento do Brasil – subsídio para o estudo da integração do Atlântico Sul*, livro publicado por Nunes Dias em 1967.

A maior parte dos entrevistados ressaltou o caráter “aglutinador” da personalidade de Barradas e sua casa é sempre descrita como um ponto de encontro, um importante espaço de sociabilidade desse grupo (formado por

⁵⁴ Idem.

⁵⁵ Idem.

⁵⁶ Marlene Suano. *Idem*.

Essa oposição também é confirmada por Regina Romano. *Idem.*: “Agora dentro do próprio Departamento ele também tinha os desafetos, o pessoal que não gostava dele. Pela posição política dele. O Nunes era um deles.”

Também é dele que o professor Arnaldo Contier. *Entrevista concedida a Guido Fabiano Pinheiro Queiroz*. São Paulo, 15 Dez, 2007. parece estar falando no seguinte trecho: “Havia um outro professor, que apoiava o Regime Militar Brasileiro, assim *ipsis literis*, que ‘dedou’ um monte de gente no Departamento de História, e que muita gente foi parar no DOPS por causa dele... Então ele vivia lá de olho que era pra poder pegar as pessoas... (...) Super-autoritário, que era português, era salazarista... Devia ter ódio do Barradas, lógico.”

professores da USP e, até, por alguns alunos) – um espaço onde os convidados tinham a oportunidade de conviver não apenas com Barradas, mas com todos os outros intelectuais que freqüentavam a casa, um espaço de trocas de idéias e experiências, conforme ressalta Ulpiano Bezerra de Meneses:

“Então essa alusão que eu fiz à casa do Barradas, como se fosse o *Consulado Português*, e eu também diria, *Consulado Acadêmico*, *Consulado da USP*, *Consulado da História*, ao largo da Cidade Universitária. E eram reuniões, se bem me lembro, quase que semanais; começava não se sabia a hora; terminava não se sabia quando. Então, era uma casa de portas abertas. Chegava e saía gente, era um ambiente extremamente estimulante.”⁵⁷

Como podemos ver, Barradas construiu uma sólida rede de amigos e colaboradores brasileiros no pouco tempo que permaneceu entre nós. Muitos entrevistados ressaltaram o fato de que parecia extremamente adaptado ao Brasil⁵⁸. De certo esse ambiente que construiu aqui contribuiu de forma fundamental para a ligação especial que passou a ter com o nosso país. De fato, conforme ressaltou Maria Lúcia Perrone, Barradas destoava do estereotipo de exilado na medida em que, no Brasil, não conheceu a solidão⁵⁹. Mas, segundo Jobson, além dessa profícua convivência social e intelectual, outros fatores, de ordem afetiva, foram importantes para forjar esse vínculo especial com o Brasil⁶⁰. Uma outra leitura, que me parece particularmente interessante para explicar essa enorme adaptação de Barradas ao meio paulista é a de Marlene Suano:

“Ele tinha um relacionamento, na realidade mais chegado com os brasileiros do que com os portugueses. Eu sempre tive essa impressão... A idéia dele de Império Português, era tão marcada, que ele aqui não se sentia fora. (...) Ele não se sentia fora porque fazia parte desse sonho dele, dessa idéia, desse Império Português.”⁶¹

⁵⁷ Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses. *Entrevista concedida a Guido Fabiano Pinheiro Queiroz*. São Paulo, 14 Dez, 2007.

⁵⁸ Ver entrevistas de Adalberto Marson. *Idem.*; Boris Fausto. *Idem.*; Kunio Suzuki. *Idem.*; Regina Romano. *Idem.*; José Jobson de Andrade Arruda. *Idem.*; Maria Lúcia Perrone Passos. *Idem.*; e Marlene Suano. *Idem.*

⁵⁹ *Idem.*: “Eu acho também, é importante que se diga, que a queixa de todo exilado é a solidão, o isolamento. Mas ele logo cercou – o Joaquim e a Margarida Barradas de Carvalho – a casa deles, que era perto da Cidade Universitária, [de amigos]. Era um ponto de encontro de intelectuais, de historiadores (...) Eles tinham sempre a casa cheia de amigos, (...) então, acredito que ele não tenha sofrido como outro exilado, tanto de solidão.”

⁶⁰ “Só que algo que não poder ser desconsiderado na vida do Barradas são as suas relações afetivas. Barradas no Brasil fez relações afetivas muito significativas para ele, que o amarram ao Brasil. Ele não queria voltar mais. Ele não queria retornar mais para a Europa. E mesmo depois que eu o encontrei em Lisboa, depois de já ter saído do Brasil, ido para Paris, ido para Lisboa, era com lágrimas nos olhos que ele falava do Brasil e do que tinha deixado aqui.” *Idem.*

⁶¹ *Idem.*

É sempre lembrado como “um ser sorridente e afável”⁶². Encontrou poucos detratores nos meios em que circulou e sua personalidade fascinante permitiu reunir como amigos pessoais figuras que tinham posicionamentos políticos muito diversos dos seus, como o diretor do departamento de História da USP na época, o professor Eurípedes Simões de Paula⁶³.

Exercia especial fascínio sobre seus alunos de *História da Civilização Ibérica*, cadeira que ocupou desde o início do seu exílio no Brasil⁶⁴, ou do curso de *História da Cultura Portugal*, optativa que ministrou nos últimos dois anos⁶⁵. Obviamente, como professor, imprimia às suas aulas suas opções historiográficas, assim como os traços de sua personalidade. Jobson Arruda, que foi seu aluno nesse período, nos fornece informações sobre a atuação de Barradas como professor e de como funcionava a cadeira que assumiu:

“No fundo era um curso de feição historiográfica, pouco usual naquela época, pois era uma espécie de território privado dos cursos de metodologia e teoria da história. (...) Assumia um papel de preceptor, um ritual de iniciação, pelo qual aprendizes eram encaminhados ao ofício de historiador, e, portanto, erros cometidos eram entendidos como etapas cumpridas no processo de aprendizagem. (...) Realizava um enlace entre a história econômica – em sua forma mais recente e extremada, a história quantitativa – e a história da cultura, igualmente em sua franja mais sofisticada, o da história das mentalidades. (...) Visão ampla e sensibilidade eram marcas de sua personalidade. Para ele o historiador era um ponto de encontro, um meio termo entre a erudição e o ensaísmo, a sua mediação criadora. Revelou-se para todos nós, seus alunos, por seu comportamento pessoal, o professor que mais de longe veio e o que mais próximo se tornou. Acostumados ao distanciamento imposto pelos professores brasileiros, herança do *status* atribuído à figura dos professores da Universidade

⁶² conforme José Jobson de Andrade Arruda. “Joaquim Barradas de Carvalho: o itinerário de um missionário dos novos tempos (Lisboa, Paris, São Paulo).” *Idem*.

⁶³ Como prova de sua afeição Barradas dedicou *As fontes de Duarte Pacheco Pereira no “Esmeraldo de Situ Orbis”*. Coleção da Revista de História. São Paulo, 1968. Nº XXX. ao Professor Eurípedes Simões de Paula, “o responsável pela edição deste pequeno livro, e o responsável mais próximo pela minha vinda para o Brasil, para São Paulo. E também, sobretudo, pela confiança que em mim sempre tem depositado e que me tem permitido fazer, no Brasil, um pouco daquilo que queria ter feito no meu País, mas que as forças obscurantistas, reinantes até agora, têm impedido.”

O livro em questão tratava-se da compilação uma série de artigos publicados na *Revista de História* ligados a sua tese sobre o *Esmeraldo*, que ainda estava em fase de elaboração na época.

⁶⁴ Ele dividia a disciplina com a professora Sonia Siqueira. Ele ficava responsável por Portugal, ela por Espanha. Segundo muitos de seus alunos o contraste era grande!

Segundo Arnaldo Daraya Contier. *Idem.*: “Na cadeira de *História Ibérica* tinha uma professora chamada Sônia Siqueira, e ela trabalhava com a Espanha na ‘Idade de Ouro’, que não tinha nada a ver com o trabalho dele. Ela dava aula expositiva e ele trabalhava com a parte mais prática e os seminários com os alunos. Então essa professora, não que fosse oposição, mas ela tinha uma visão de história um pouco diferenciada, na medida em que ela defendia a Inquisição...”

Ou Adalberto Marson. *Idem.*: “Eu acho que na nossa época o que nos salvou dentro dessa *História Ibérica* foi o Barradas, por que infelizmente a seara era mito pobre, muito precária.”

⁶⁵ Sobre os cursos que ofereceu é o próprio Barradas que informa em *Rumos de Portugal*. *Idem*.

de São Paulo, em geral egressos dos estratos superiores da sociedade, causou-nos grande impacto a sua atitude de aproximação, de abertura de diálogo e, sobretudo, a oferta de oportunidades.”⁶⁶

Nas entrevistas que realizei com seus ex-alunos a sua generosidade e o caráter democrático das suas aulas é sempre ressaltado. O que o tornava tão admirado, apesar da barreira imposta pelo forte sotaque, era a forma como tratava os alunos, abrindo mão da tradicional posição hierárquica, tratando-os como iguais, convidando-os a discutir, ouvindo suas opiniões e acatando-as quando eram pertinentes. Barradas não tinha dificuldades em mudar de posições quando se convencia de que estava errado (embora convencê-lo fosse, geralmente, um pouco difícil).

Na qualidade deste papel de preceptor, Barradas organizou com alguns alunos selecionados da sua primeira turma um grupo de estudos sobre a literatura portuguesa de viagens da época dos Descobrimentos – seu grande tema de pesquisa –, com especial atenção para os documentos relativos ao Descobrimento do Brasil. Jobson, que também participou deste grupo nos relata o seguinte:

“O seminário desdobrou-se em sessões semanais que tiveram continuidade nos anos seguintes. Conduzia-o com enorme segurança, total disponibilidade para com seus aprendizes e absoluta discrição ao apontar possíveis equívocos, preferindo sempre a ironia fina que, não raro, voltava contra si próprio. (...) As reuniões de trabalho realizavam-se no Centro de Estudos Portugueses, no centro da cidade (...). Mas nunca terminava sem uma passagem, quase obrigatória, pelos bares da Galeria Metr pole, ou pelo Fasano, na Avenida Paulista. Esse talvez tenha sido um dos primeiros projetos na área de História a contar com apoio da Fapesp, sem d vida uma experiência coletiva pioneira no campo da inicia o científica.”⁶⁷

Em uma época em que inexistiam as famosas “bolsas de inicia o científica” do CNPQ, ou qualquer outro incentivo governamental de apoio   pesquisa no âmbito da gradua o, o projeto do professor Barradas ofereceu aos seus participantes um primeiro contato com o ofício do historiador⁶⁸. Além disso, conforme já foi dito, sua atua o como professor ajudou, sem d vida, a divulgar, em um meio-acad mico ainda precoce e incipiente – como, então, era o

⁶⁶ *Idem.*

⁶⁷ *Idem.*

⁶⁸ As atividades desenvolvidas nesse projeto são descritas nas seguintes entrevistas: Ana Maria Camargo. *Idem.*; Arnaldo Daraya Contier. *Idem.*; Regina Romano *Idem.*; e Raquel Glezer. *Idem.*

brasileiro⁶⁹ –, o que na época eram os mais recentes desenvolvimentos historiográficos internacionais, especialmente aqueles vinculados à Escola dos Annales, com a qual estava fortemente ligado. Certamente Barradas, ao formar uma parcela significativa dos professores universitários que o sucederem na USP, assim como em outras instituições, contribuiu para o desenvolvimento da excelente reputação que os Annales gozaram na academia brasileira por muito tempo.

Ao lado da historiografia francesa, fazia parte de suas discussões, em sala de aula ou em conversas informais, reflexões de inspiração marxista. Portanto ele contribuiu também na divulgação de leituras marxistas mais recentes, como a de Althusser. Nesse sentido a figura de Barradas seria um perfeito integrante da “missão portuguesa” descrita por Antonio Candido, “que trouxe contribuições culturais positivas e renovadoras...”⁷⁰ O professor Ulpiano atribuí a atuação de Barradas um papel de destaque na consolidação dessas novas concepções historiográficas – sobretudo a dos Annales – na Universidade de São Paulo. Um papel ainda maior do que o da “Missão Francesa” da década de 30:

“O Braudel esteve na USP por vários anos. O Eurípedes foi um assistente dele. Ele não tinha deixado marcas mais significativas que a gente pudesse perceber. Foi por intermédio do Barradas, que eu havia [conhecido] Braudel. Não só Lucien Febvre e Marc Bloch... Mas o próprio Braudel, que tinha estado na casa tanto tempo! Foi esta Historiografia Francesa que o Barradas [introduziu] – eu não diria que ele foi um herói-fundador, mas que ele deu significado, vida e presença. Havia, é claro, outros colegas, Fernando Novais, gente que estava em contato com essa historiografia. Mas eu diria que a coisa realmente assumiu o papel de uma referência importante, fundamental, em grande parte em virtude dessa presença do Barradas aqui. No meu caso pessoal, sem sombra de dúvida. Eu comecei a me interessar por essa historiografia a partir das nossas conversas da faculdade, mas sobretudo na casa dele, do Barradas. (...) E do ponto de vista diretamente da docência, eu não fui aluno dele, mas assisti a algumas conferências, e eu acho que o Barradas foi um dos responsáveis para que essa historiografia tivesse uma presença efetiva dentro da USP. Para que ela não significasse apenas alguma coisa de abstrato (sobre a qual você lê, ou tem noções), mas alguma coisa que tem sentido na sua própria atividade acadêmica.”⁷¹

⁶⁹ devemos lembrar que as primeira universidade brasileiras foram fundadas apenas no século XX (tradicionalmente considera-se a Universidade do Rio de Janeiro [hoje UFRJ], inaugurada em 1920 como a primeira universidade brasileira, outros apontam a Universidade do Paraná, ou mesmo a do Amazonas, que teriam sido fundadas, respectivamente, em 1912 e 1909).

⁷⁰ Antonio Candido. *Idem*.

⁷¹ *Idem*.

Ver também nesse sentido o depoimento de Fernando Novais. *Idem*: “...ele também foi muito importante porque a orientação intelectual dele é a mesma da faculdade: a Escola dos Annales. Mas não era dominante na época. Quando ele veio pra cá era dominante a história econômica. Eu

Entretanto, a despeito de todo o seu prestígio, durante os anos em que aqui esteve, Barradas orientou, oficialmente, somente uma dissertação de mestrado: a de Maria Lúcia Perrone Passos, sobre as crônicas de Fernão Lopes, mais tarde publicada sob o título *O herói na crônica de D. João I, de Fernão Lopes*⁷². Sua aluna descreve o orientador como uma “alma generosa que espalha livros, idéias e afecto entre amigos e alunos...”⁷³

Seus contatos não se restringiam ao meio universitário paulista. No Rio de Janeiro, por exemplo, tinha grandes amigos ligados ao filólogo Celso Cunha⁷⁴. Aliás, segundo Contier, sua metodologia de pesquisa o levou a tecer uma sólida rede de intelectuais por todo o Brasil e até no exterior:

“[No projeto sobre os documentos do Descobrimento] qualquer problema que havia, a gente entrava em contato com especialistas do Brasil e do mundo. Então ele tinha uma rede muito grande de intelectuais importantes. Por exemplo, quando havia algum problema de filologia ele entrava em contato com o Celso Cunha (que está falecido), e assim por diante. Se ele precisava de alguma coisa sobre o século XVI sobre a questão náutica, ou a questão da Física – como que a Física era entendida no século XVI? – ele procurava professores de Física, que conhecessem a História da Física, para ele poder entender aquele trecho que ele estava discutindo. Então aí ele foi montando uma teia muito grande de intelectuais na medida em que era um trabalho realmente interdisciplinar. Por que o Barradas não arriscava: toda vez que ele não conhecia, ele parava! Ia buscar acessórios. Inclusive muitas cartas foram pra Portugal, foram pra França, foram pra vários lugares do mundo. E depois disso se aguardava respostas para avançar no trabalho. Isso requeria erudição dele. E, a partir desse momento, ele travava conhecimento com intelectuais de áreas diversas, não só historiadores, mas no campo de filologia, no campo de Física, no campo da Matemática, em todos os outros campos.”⁷⁵

Além da vida acadêmica, Barradas atuava, junto a outros exilados portugueses na luta anti-salazarista, destacando-se nesse sentido suas publicações no jornal *Portugal Democrático*. A pouca recepção que sua militância tinha entre os imigrantes, conforme Fernando Novais, foi uma das maiores fontes de frustração de Barradas no Brasil, o que era perfeitamente compreensível,

mesmo, nos anos 50, quando eu fui aluno aqui, lembro do grande impacto que teve pra mim, no segundo ano, em 1954, quando eu fui assistir o curso de historia moderna: era do professor França e era sobre o Renascimento Italiano. Todos os outros cursos eram ou sobre História Geral (política) ou História Econômica. Todos, todos... E não tinha história da cultura. Ora, o Barradas veio com História da Cultura! Ele veio com a mesma orientação, em História da Cultura. Nesse sentido ele tem uma importância fundamental. Sobre a historiografia brasileira.”

⁷² Prelo. Lisboa, 1974.

⁷³ Maria Lúcia Perrone Passos. “O conto do livro fujão” *In: Brasil e Portugal, uns contos e tal*. Prefácio. Lisboa, 2003.

⁷⁴ Conforme Fernando Antonio Novais. *Idem*.

⁷⁵ *Idem*.

especialmente quando se tem em mente o contraste que ele deve ter encontrado entre as Colônias Portuguesas do Brasil e da França:

“O que o incomodava mais era a colônia portuguesa. Imagine a colônia portuguesa no Brasil! Isso o Barradas nunca se conformou por mais historiador, cientista, objetivo que ele fosse. Comentou dezenas de vezes, desde o começo. (...) [Eu dizia a ele]: ‘Você tem que ver o que domina a colônia portuguesa no Brasil são os comendadores, são todos salazaristas. A *Casa de Portugal* aqui era salazarista. O resto, você tem pobre e tal, classe média (...), são totalmente apolíticos, quando não são salazaristas também. Imigrante de esquerda aqui? Não tem! É o grupo que você tem com seus exilados (...). É um grupo parcial, o do Partido Comunista. Atuando furiosamente em torno do jornal. E vocês não conseguem vender esse jornal aos portugueses aqui, quem lê esse jornal aqui são os brasileiros.’ Agora, quem é a colônia portuguesa em Paris? É tudo de esquerda. Têm ódio [de Salazar]. São perseguidos em Portugal, mandam dinheiro para sustentar o Regime que ainda os persegue quando eles passam a fronteira. Então é tudo gente contra. Eles atuam: As organizações de esquerda em Paris têm um campo de ação que aqui não tem. O campo de ação do Barradas aqui eram os brasileiros. Isso era uma coisa que entristecia o Barradas.”⁷⁶

Mas, apesar do grande círculo de amizades construído no Brasil, e da bem sucedida carreira de professor universitário aqui construída, o desconforto de Barradas cresceu muito com o encrudescimento da ditadura após o ano de 1968. Até esta data, apesar do golpe e da instalação regime militar de direita – que eram contrários, a um só tempo, aos seus princípios democráticos e às suas convicções comunistas –, Barradas, a exemplo de seus camaradas do Centro Republicano Português, mantinha-se relativamente afastado das questões políticas brasileiras, encarando com otimismo o futuro do país que o recebera. Na sala de aula era discretíssimo e evitava ao máximo se referir às questões políticas. Sua rede de relacionamentos, porém, denunciava suas simpatias. Nas conversas informais as críticas apareciam mais facilmente. Mas, até 1968, Barradas na verdade não parecia tão incomodado com o Regime Militar quanto os brasileiros que o cercavam. Ele já tinha conhecido, em sua terra natal, uma ditadura plenamente estabelecida e sabia que as coisas poderiam piorar. Aos mais jovens dizia, com uma ironia que geralmente os irritava muito: “Vocês ainda não viram nada!”⁷⁷

⁷⁶ Idem.

⁷⁷ Conforme Marlene Suano. *Idem.*: “Agora uma coisa que eu sempre achei muito estranho quando se falava da ditadura no Brasil – Claro ele nunca foi favorável! –, mas eu sempre tinha impressão que ele caçoava da gente e dizia: ‘Vocês ainda não viram nada’. Porque, quem tinha visto, o Salazarismo (...), aquilo ali, entre 66, 67 e 68 (que era mesmo muito disfarçado), ele achava que era colírio.”

Além disso, diante da crescente radicalização do movimento estudantil, aconselhava calma aos seus alunos mais chegados⁷⁸.

Essa discrição – que tinha o duplo objetivo de manter seu espaço de oposição ao Salazarismo no Brasil⁷⁹ e como uma forma preservar o professor Eurípedes Simões de Paula (que o trouxera para cá e lhe oferecia sempre grande apoio)⁸⁰ – não significava, porém, que ele não participasse de nenhum tipo de atividade de oposição a Ditadura Militar.

“[O pessoal] queria que ele participasse aqui da nossa oposição ao Regime, e ele nunca se negou, fazia tudo, mas dizia: ‘Olha, eu como estrangeiro não posso estar me expondo, por que aí eu vou prejudicar a minha ação...’ (...) Ele assinava coisas, que ele achava até que não devia assinar porque ele era um estrangeiro...”⁸¹

Após o AI-5, com a censura funcionando plenamente e a intervenção política direta na Universidade, o clima político brasileiro se tornou insuportável para Barradas. Luís de Albuquerque que o visitou em 1969 nós oferece o seguinte relato sobre a situação do amigo na época:

“Quando em Setembro ou Outubro de 1969 fui a São Paulo fazer uma conferência, almocei em sua casa. Atravessava-se então uma época de repressão contra grupos que contestavam (intelectuais, estudantes e operários) a legitimidade do golpe que havia derrubado João Goulart. (...) Ao almoço, e com a maior naturalidade deste mundo, Barradas contou-me que já tinha sido por duas vezes chamado a prestar declarações na Delegacia, que sua casa estava noite e dia vigiada (como, aliás, pude verificar), mas que nunca se decidiria sair do Brasil por causa de intimidações. E só daí por um mês, ele se resolveria abandonar São Paulo e procurar, mais uma vez, refúgio na França.”⁸²

⁷⁸ Conforme Kunio Suzuki. *Idem.*: “As pessoas daquela época tinham uma certa pressa de mudar as coisas ou de fazer as coisas. [Quando eu digo as pessoas, eu quero dizer] a sociedade brasileira no geral, naquela época, principalmente os estudantes (...). Para mim, quem mais abriu a cabeça para esse tipo de perspectiva foi o Barradas, justamente com essa visão mais sólida que ele trazia da Europa, mesmo de Portugal, porque, como ele dizia, e acho que tem um fundamento: ‘Em Portugal como tem oitocentos anos, as coisas demoram mais para andar.’ Mas também tinha vantagens dessa tradição maior que era muito mais consolidada. A gente queria era fazer a revolução e tal, avançar a mil por hora. A coisa que ele falava: ‘Olha é perigoso, você tem que pensar direito aí...’. Uma vez ele perguntou uma coisa: ‘Vai morrer quanta gente?’. Então, quer dizer, ele tinha uma consciência muito clara do que a gente estava querendo fazer e a pressa que era inconseqüente.”

⁷⁹ Conforme Boris Fausto. *Idem.* e Fernando Antonio Novais *Idem.*

⁸⁰ Conforme Marlene Suano. *Idem.*: “Eu sempre notei nele, muito presente, o respeito que ele tinha pelo Eurípedes. Para não criar problemas para o Eurípedes.”

⁸¹ Fernando Antonio Novais. *Idem.*

⁸² Luís de Albuquerque. *Idem.* A última data colide com outras fontes que ns informam que Barradas deixa o Brasil apenas no início de 1970.

Ao mesmo tempo Braudel se esforçava por levar seu amigo de volta à França. Acabou partindo para Paris em 1970, acompanhado de sua esposa Margarida Barradas de Carvalho – que havia também se estabelecido como professora universitária no Brasil, dando aulas de Historiografia e Teoria da História na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo⁸³ e era contrária à transferência – e dos dois filhos mais novos, que praticamente haviam sido criados aqui e eram forçados a adaptarem-se a vida de perpétuo exilado do pai.

Mas, por mais que o clima estivesse tenso – ele chegou a ser envolvido em um IPM –, não me parece que haveria uma ameaça efetiva contra ele. Acredito, portanto, que a afirmação de Barradas ao seu amigo Luís de Albuquerque, de que “nunca se decidiria sair do Brasil por causa de intimidações” fosse, pelo menos em parte, verdadeira. Creio que as ameaças dos militares foram menos importantes para sua decisão de partir do que a definitiva quebra da liberdade intelectual que a Ditadura impunha ao Brasil a partir de 68. Barradas não conseguia mais conviver com o Regime que tornara o seu ambiente tão parecido com aquele do qual fugira em Portugal. Essa hipótese é confirmada pelo relato de Novais a respeito do IPM que ocorreu na USP:

“Houve, no começo de 69, com a cassação de professores universitários, um processo aqui, no Departamento de História, um IPM, em que estivemos envolvidos o professor Barradas, a professora Emília, o Carlos Guilherme, eu, o professor Boris Fausto... Tivemos que prestar depoimentos, eu tive que ir uma vez ao DOPS (...). Então, nessa época, o Barradas ficou muito aborrecido com essa coisa e achou que, evidentemente, ele não podia mais continuar aqui. Ele tinha saído da França para vir para o Brasil. Ele tinha muitos anos de ditadura de direita. Quer dizer, não tinha sentido ele ficar aqui. E, sobretudo, ele achava que não conseguia fazer as coisas, não conseguia escrever. Eu me lembro que a Margarida não queria ir, as crianças não queriam ir. E a Margarida me disse que ela se convenceu de ir para França por que ela se convenceu de que, se ele ficasse aqui, ele não conseguiria escrever as coisas que queria escrever. Ela achava melhor ficar aqui, e as crianças ficarem aqui. [Achava] que esse negócio de IPM não iria dar em nada. Ou, se desse... se desse eles voltavam.”⁸⁴

Acompanhando esse depoimento considero que o aspecto fundamental na decisão de Barradas de voltar para a França foi a quebra do ambiente de convívio intelectual, marcado por uma liberdade relativamente grande, que ele havia conseguido construir aqui durante os primeiros anos da Ditadura. Sem esse

⁸³ conforme José Jobson de Andrade Arruda. “Joaquim Barradas de Carvalho: o itinerário de um missionário dos novos tempos (Lisboa, Paris, São Paulo).” Idem.

⁸⁴ Idem.

Emília Viotti da Costa foi aposentada compulsoriamente na ocasião do AI-5, em 1968.

ambiente ele não conseguia manter sua atuação profissional. Peço desculpas ao leitor, mas não resisto à tentação de citar mais um trecho de Novais a esse respeito:

“O Barradas estava muito ligado a sua atividade de professor, a atividade política, a atividade no sentido banal, a sociabilidade dele com os amigos, isso, para ele e para a Margarida, era uma coisa muito ligada, intrincada, estava tudo muito ligado. Envenenou um setor, os outros todos param de funcionar. Eu acho que o Barradas, ele se sentiu, depois do AI-5, depois que houve as cassações, ele sentiu que não tinha condição (esse setor profissional, se ele fosse desligado ele poderia ficar, se ele fosse um advogado, ou um profissional-liberal, ele podia continuar indo às reuniões dos portugueses do Portugal Democrático... mas não era o caso), ele realmente achou que não tinha condições aqui. Ele estava escrevendo a tese dele (...), isso é uma coisa muito trabalhosa, e depois do fim de 68 pra frente ele dizia que não conseguia fazer. Isso mostra que ele estava realmente amargurado. Isso por causa do fechamento do Regime. O ambiente ele não tinha mais. (...) Ele dizia: ‘é o mesmo ambiente que eu vivia em Portugal. Eu tenho que voltar’”⁸⁵

A carta que seu amigo Vitor Ramos – que se achava então nos EUA – lhe envia em 6 de maio de 1970 o encontra já instalado em Paris:

“Soube pelo Audabert que você se acha em Paris, no Hotel Saint Pierre, como nos *bons vieux temps*. Não sei se antecipei, ou exagerei, a sua reação parisiense ao dizer como nos *bons vieux temps*... Mas creio que não! Certamente Paris mudou muito nos cinco anos que você esteve em São Paulo. Por outro lado, você próprio também mudou. *Mas apesar de tudo, julgo que depois da experiência brasileira nos últimos tempos o seu encontro com Paris deve ter parecido um libertação*. Como vai agora o seu processo de re-adaptação? E o trabalho? Em relação a este ponto, tenho pensado muitas vezes no seu caso, que foi o meu aliás durante o tempo em que aí estive. *O meu trabalho rendia menos do que se podia esperar, entre outras razões, porque nós estávamos afogados em mil compromissos e actividades das quais o menos que se pode dizer é que eram extra-intelectuais.*”⁸⁶

Realmente, conforme previa seu amigo, o volume de trabalho de Barradas cresceu sensivelmente durante este período que esteve na França. Antes de tudo é quando conclui sua Tese sobre o *Esmeraldo de Situ Orbis*, um verdadeiro

⁸⁵ Idem.

⁸⁶ Vitor Ramos. *Carta para Joaquim Barradas de Carvalho*. Davis, 6 Maio. 1970. Documento do Arquivo Pessoal de Vitor Ramos, sob a custódia do Centro de Apoio à Pesquisa em História (CAPH) da FFLCH-USP. Grifo meu, salvo as palavras em francês. O primeiro trecho grifado com certeza faz referência ao aumento do autoritarismo e violência após 1968. Mais à frente, na mesma carta, Vitor expõe de forma mais clara suas incertezas em relação ao Brasil: “...como você sabe Davis, para mim, não pode ser senão lugar de passagem. Mas o facto é que as notícias de São Paulo não são animadoras. Embora não tenha havido cassações na USP, outras medidas são indícios de que a situação continua tensa: a Emília foi presa, por alguns dias, o Caio Prado apanhou 4 anos e meio de prisão, foi presa a filha do Jorge Fidelino, a censura está mais rigorosa e, o que é pior, o país está habituado à rotina de repressão. Ficarei pois aqui, pelo menos no próximo ano. Depois, veremos.” O segundo trecho grifado dá testemunho do empenho, tanto de Vitor Ramos, quando de Barradas, com a luta pela democratização de Portugal.

calhamaço que foi publicado posteriormente em dois volumes com um total de 846 páginas, na versão francesa⁸⁷. Mas, se após a partida do Brasil, aumentou a quantidade de publicações e trabalhos escritos por Barradas, a fase brasileira de sua vida não deve ser posta em segundo plano, conforme demonstra Jobson Arruda:

“A fase brasileira da sua existência revela-se extremamente produtiva. Dos onze verbetes que escreveu para o *Dicionário de História de Portugal*, dirigido por seu amigo Joel Serrão (1965-1971), apenas um foi publicado antes de sua vinda para o Brasil. Beneficiou-se de sua estada entre nós, da mesma forma como antes já se beneficiara Fernand Braudel. Aqui Barradas encontrou uma revista de periodicidade rigorosa, comandada pelo professor Eurípides Simões de Paula, ao mesmo tempo disponível e carente de matéria de alta qualidade. Foram 32 artigos em sete anos, oito deles referentes às fontes de Duarte Pacheco Pereira. Treze outros artigos fazem parte do projeto ‘O descobrimento do Brasil através dos textos – Edições críticas e comentadas’. Para gáudio de sua equipe, foram também publicados os artigos assinados por seus estudantes que viram, pela primeira vez, seus nomes estampados no rol dos articulistas de uma das revistas mais respeitadas no país. A grande maioria dos textos publicados comporia, cinco anos após a sua partida do Brasil, em 1970, a base do seu doutoramento de Estado defendido na Sorbonne, em 1975, que tinha por título um verdadeiro enunciado. Não lhe faltou tempo, nem ânimo, para escrever resenhas, prefaciá-los livros, apresentar comunicações em congressos e, até mesmo, produzir artigos para a *Revista História Viva*, órgão do grêmio estudantil do Departamento de História.”⁸⁸

Além disso, não resta dúvidas de que o período de exílio no Brasil foi central para o desenvolvimento de uma série de reflexões que só mais tarde tomariam a forma de publicações, conforme procurei demonstrar anteriormente na apresentação deste trabalho. Vitor Ramos novamente não deve ter se enganado ao dizer que nos cinco anos em que estivera no Brasil o amigo havia mudado muito.

Mas, mesmo quando voltou à França não deixou de militar contra a Ditadura portuguesa. Aliás, durante esse período aproximou-se, inclusive, da

⁸⁷ Joaquim Barradas de Carvalho. *A La Recherche de la Specificite de la Renaissance Portugaise: l'Esmeraldo de Situ Orbis* de Duarte Pacheco Pereira et la litterature portugaise de voyages a l'epoque des grandes decouvertes – Contribution à l'étude des origines de la pensée moderne. Fondation Calouste Gulbenkian/Centre Culturel Portugais. Paris, 1983. 2 vol.

Conforme José Jobson de Andrade Arruda. *Idem*. o trabalho de Barradas foi “uma das raras teses agraciadas pelo júri com a distinção ‘très honorable’ e ‘les felicitations du jury’, tendo por relator Michel Mallat.

⁸⁸ *Idem*.

Na verdade encontrei no *Dicionário de História de Portugal* dirigido por Joel Serrão doze, e não onze, artigos de Barradas: “Absolutismo”, “Algarismo”, “Cerveira, Afonso”, “Esmeraldo de Situ Orbis”, “Fenandes, Valentim”, “Gomes, Diogo”, “João, Mestre”, “Lopes, Tomé”, “Mayr, Hans”, “Pereira, Duarte Pacheco”, “Velho, Álvaro” e “Viagens, literatura de”. Joel Serrão (dir).

Dicionário de História de Portugal Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1968. 6 volumes.

Qual, ou quais, desses teriam sido escritos antes de sua chegada ao Brasil é uma informação que não disponho.

oposição ao Regime Militar organizada pelos exilados brasileiros⁸⁹. Ainda se encontrava na França quando recebeu, radiante, a notícia da eclosão da Revolução dos Cravos e do fim do salazarismo. Retornou, enfim, o mais breve que pode, deixando em Paris a esposa e os filhos, que só mais tarde se transferiram definitivamente para Portugal. Barradas encontraria, porém, uma situação que ainda o fazia se sentir um exilado em seu próprio país, como na época da ditadura. A terra natal não o acolheu como ele esperava e merecia. Encontrou muitas dificuldades em se inserir no recém-democratizado meio universitário lusitano:

“O retorno a Portugal, depois da estada vitoriosa em Paris, foi um mar de decepções que lhe encheram o coração de mágoa. Disposto a lutar pelo reconhecimento de seus títulos e sua equiparação formal à condição de professor catedrático da Universidade de Lisboa, não aceitou o convite feito pelo matemático Rui Luís Gomes, exilado como ele, mas que se tornara reitor da Universidade do Porto, para assumir a condição de catedrático, sem a exigência absurda de fazer novamente o doutoramento, convite extensivo à sua esposa, que passaria a ser sua assistente. Recusou-se, igualmente, a permanecer como pesquisador de CNRS, apesar da insistência de seus colegas franceses que, numa última tentativa para retê-lo, ainda mantiveram o pagamento de seus salários durante todo o ano de 1975, sem que Barradas lá fosse, mantendo seu lugar em aberto durante o ano de 1976, prova inquestionável de seu desempenho naquela instituição de pesquisa. (...) A recusa de Barradas em retornar ao CNRS em Paris, ou mesmo transladar-se ao Porto, explica-se por seu forte sentido de cidadania, a convicção de que era seu dever lutar pelo reconhecimento de seus direitos, assim como jamais esmorecera na batalha pelos direitos civis de sua gente. Mais do que arrependimento pelas opções perdidas, carregava um sentimento de perda, de vazio. A punição imerecida do grande professor e pesquisador, grajeado de São Paulo a Paris, e que se via obrigado a cumprir extenso programa de aulas, intercaladas por janelas, apanágio de principiantes.”⁹⁰

E, ao que tudo indica, não só o meio acadêmico o decepcionava no novo Portugal. Os rumos da política e da sociedade portuguesa pós-revolucionária o desconcertavam. Nesse sentido, Jobson nos informa ainda que:

“Seus desencontros e vicissitudes levaram-no a pensar em um livro sobre o clima pós-revolucionário, uma espécie de contraponto ao obscurantismo salazarista, e que deveria chamar-se *O obscurantismo anti-salazarista*, uma demonstração inequívoca de seu desencanto com os desdobramentos da Revolução, mas que nunca chegou a publicar.”⁹¹

⁸⁹ Conforme Fernando Antonio Novais. *Idem.*: “Ele, depois que ele foi para Paris – entre 69/70 e 73/74 (...) – atuou muito com o pessoal da oposição [ao Regime Militar Brasileiro] em Paris, o pessoal exilado. O pessoal que editava uma revista chamada *Debates*, em Paris. Foi a época em que estava muito ligado ao Bento [Prado]”

⁹⁰ *Idem*
⁹¹ *Idem.*

Esse sentimento de desgosto o acompanhou até o seu falecimento, seis anos depois do 25 de Abril, no dia 18 de junho de 1980, aos 60 anos. Era como se morresse de desgosto.